

UNIVERSIDADE FEDERAL DE UBERLÂNDIA

LARISSA CAROLINE DA SILVA BENEVENUTE

**GÊNERO E RELIGIÃO: UMA ANÁLISE SOCIOANTROPOLÓGICA SOBRE O
ETHOS E VISÃO DE MUNDO DAS MULHERES NEOPENTECOSTAIS DA IGREJA
UNIVERSAL DO REINO DE DEUS.**

UBERLÂNDIA
2019

LARISSA CAROLINE DA SILVA BENEVENUTE

**GÊNERO E RELIGIÃO: UMA ANÁLISE SOCIOANTROPOLÓGICA SOBRE O
ETHOS E VISÃO DE MUNDO DAS MULHERES NEOPENTECOSTAIS DA IGREJA
UNIVERSAL DO REINO DE DEUS.**

Monografia apresentada ao Instituto de Ciências Sociais da Universidade Federal de Uberlândia como requisito parcial à obtenção do título de Bacharel e Licenciatura em Ciências Sociais. Orientadora: Prof.^a Dr.^a Claudia Wolff Swatowiski.

LARISSE CAROLINE DA SILVA BENEVENUTE

GÊNERO E RELIGIÃO: UMA ANÁLISE SOCIOANTROPOLÓGICA DO ETHOS E
VISÃO DE MUNDO DAS MULHERES NEOPENTECOSTAIS DA IGREJA UNIVERSAL
DO REINO DE DEUS.

Monografia apresentada ao Instituto de Ciências
Sociais da Universidade Federal de Uberlândia
como requisito parcial à obtenção do título de
Bacharel e Licenciatura em Ciências Sociais.

_____ de _____ de _____

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Claudia Wolff Swatowski
(Orientadora – UFU)

Prof.^o Dr.^o Antonio Carlos Lopes Petean
(Examinador – UFU)

Prof.^a Dr.^a Mariana M. P. Côrtes
(Examinador - UFU)

RESUMO

Existem vários fatores na sociedade que orientam as condutas e subjetividades dos indivíduos. Ao longo da história, homens e mulheres foram ensinados a pensar e agir de determinada maneira, o que acabou fortalecendo determinismos de papéis sociais a partir da distinção de gênero. A religião é um dos fatores que influenciam as condutas dos indivíduos perante a sociedade. Pensar de que forma é exercida essa influência na vida de um indivíduo é também pensar como foram moldados seus comportamentos e sua maneira de se enxergar o mundo a partir dos princípios religiosos. Nesta monografia, busquei, através da história de vida de mulheres neopentecostais da Igreja Universal do Reino de Deus, entender o processo de configuração e reconfiguração da subjetividade feminina a partir do discurso pregado pela IURD. O que se constatou é que o discurso e práticas da Igreja Universal seguem, na maioria das vezes, no sentido oposto à proposta de igualdade de gênero.

Palavras-chave: Gênero; Religião; Neopentecostalismo; Identidade;

ABSTRACT

GENDER AND RELIGION: A SOCIO-ANTHROPOLOGICAL ANALYSIS OF ETHOS AND WORLD VIEW OF NEOPENTECOSTAL WOMEN OF THE UNIVERSAL CHURCH OF THE KINGDOM OF GOD.

There are several factors in society that guide the conduct and subjectivity of individuals. Throughout history, men and women have been taught to think and act in a certain way, which ended up strengthening determinisms of social roles based on gender distinction. Religion is one of the factors that influence the behavior of individuals towards society. To think about how this influence is exerted in an individual's life is also to think about how his behaviors were shaped and his way of looking at the world from religious principles. In this monograph, I sought, through the life history of neo-Pentecostal women from the Universal Church of the Kingdom of God, to understand the process of configuration and reconfiguration of female subjectivity from the discourse preached by the IURD. What was found is that the discourse and practices of the Universal Church follow, in most cases, in the opposite direction to the proposal of gender equality.

Keywords: Gender; Religion; Neopentecostalism; Identity;

Sumário	
INTRODUÇÃO	9
CAPÍTULO I	13
1.1-Ethos e visão de mundo	13
1.2- Ethos religioso: A Religião como forma de enxergar o mundo	16
1.3- Mdiatização da palavra de Deus e elementos ritualísticos	20
CAPÍTULO II	24
2.1- Conversão e mudança de vida	24
2.2- História de vida e experiência social	26
2.3- Ethos familiar e Ethos privado	31
CAPÍTULO III	38
Gênero como categoria de análise	38
CONSIDERAÇÕES FINAIS	44
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	46

INTRODUÇÃO

De acordo com os dados estatísticos apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), os evangélicos foram o segmento religioso que mais cresceu nas últimas décadas no Brasil. Apesar do atual cenário religioso brasileiro ainda ser majoritariamente católico, este último segmento vem perdendo seus adeptos desde os primeiros levantamentos realizados pelo Censo 1872. Conforme o Censo demográfico de 2000, os católicos no Brasil representavam cerca de 73,6% da população tendo seu número reduzido para 64,6% em 2010. Enquanto isso, no mesmo período foi registrado um aumento de cerca de 16 milhões de adeptos às religiões evangélicas, sendo que em 2000 eles representavam cerca de 15,4% da população e em 2010 chegaram a representar 22,2%. É importante ressaltar que no último Censo realizado, foi registrado também um aumento da categoria dos “sem religião”, representados por cerca de 8% da população brasileira, assim como também foi registrado um alto fluxo de migração de membros entre diversas religiões, o que faz alterar o cenário religioso do país. Esses dados nos levam a fazer uma análise sobre as novas formas de religiosidade que foram surgindo no cenário brasileiro nas últimas décadas, levando em conta que outras religiões ou formas de religiosidade vem adquirindo ou perdendo seus adeptos em massa, já que esses vão migrando entre o grande leque de religiões e denominações religiosas disponíveis e outras que vão surgindo ao longo dos anos. Um exemplo paradigmático que deve ser levado em consideração para explicar essa alteração do cenário religioso é a expansão neopentecostal no Brasil, tornando este o segundo maior grupo religioso do país. (MARIANO, 2004)

O neopentecostalismo é um movimento religioso que é designado como a Terceira Onda do Movimento Pentecostal e que surgiu no Brasil por volta do final da década de 70. O seu surgimento no Brasil, se deu através das dissidências ocorridas dentro das igrejas consideradas pentecostais históricas (Batista, Metodista, Adventista, Congregacional, Presbiteriana) ao qual se diferencia dessas por serem mais flexíveis em relação aos seus costumes e também por alicerçar sua proposta religiosa na cura, libertação e na teologia da prosperidade. Atualmente existem diversas denominações neopentecostais no Brasil que competem entre si pela legitimidade da melhor interpretação da Bíblia e conseqüentemente pela maior adesão de membros, carregando com si uma visão mística em relação a ação do Espírito, sendo essa ação rodeada de um sincretismo religioso ao qual pode-se notar nos

cultos elementos ritualísticos pertencentes de outras religiões. Nesse cenário, as denominações que mais se destacam são a Igreja Universal do Reino de Deus, a Igreja Mundial do Poder de Deus e a Igreja Internacional da Graça de Deus. (MARIANO, 2004)

Cada uma dessas denominações possuem estruturas organizacionais que se diferenciam entre si e que na maioria das vezes são direcionadas a um público específico. São igrejas que competem entre si pelas melhores formas de proselitismo a fim de aumentar a adesão de seus membros e possuir maior legitimidade dentre as demais que estão presentes no cenário religioso atual. A Igreja Universal do Reino de Deus, fundada em 1977, é o exemplo mais notável que descreve toda essa realidade, sendo uma das igrejas neopentecostais que mais vem adquirindo membros nas últimas décadas. É considerada uma igreja midiaticizada pelo fato de realizar grande parte de seu proselitismo através dos meios de comunicação e mídias sociais, sendo dona de emissoras de televisão, jornais, revistas e emissoras de rádio, transmitindo boa parte de seu conteúdo religioso, bem como testemunhos de membros que ressaltam sua libertação através do Espírito Santo, exaltando a superação de seus problemas existencialistas em vários aspectos da vida, superação essa proporcionada através do batismo e pela fé no Espírito Santo. Além disso, o crescimento dessa denominação se deu em função dessa midiaticização sendo que, a principal diferença entre a IURD em relação às outras experiências religiosas pentecostais, está localizada em sua metodologia ritual onde cria um processo de recepção e difusão de mensagens que são multiplicados em larga escala sem depender do carisma individual da autoridade sacerdotal. Segundo Mafra (2002):

“[...] além de possuírem mais de 7 mil templos no Brasil, a IURD também está espalhada em vários continentes pelo mundo como na América Latina (Colômbia, Venezuela, Uruguai, Chile, México, Porto Rico, Honduras, Guatemala, Panamá), na África (África do Sul, Angola, Moçambique, Botsuana, Cabo Verde, Guiné Bissau) e Europa (França, Espanha, Holanda, Itália).”

Neste sentido, pode-se perceber que a IURD demonstra ser uma denominação que compete fortemente no mesmo sentido quando ocorreram os movimentos de missionários de missão em busca de estabelecer sua mensagem religiosa em outros países, segundo Mafra (2002): “Isso quer dizer que, por vezes, a entrada num novo país pode ser apenas uma incógnita, vindo como uma afirmação simbólica da tomada de mais um território nacional.”

A igreja possui uma organização eclesiástica que é centrada na figura do bispo Edir Macedo, sendo este o líder principal da denominação. Além disso, é importante ressaltar

também que o pastorado é realizado quase que exclusivamente por homens, sendo considerados principais autoridades em um nível hierárquico de organização, onde as mulheres exercem um papel secundário, destinadas à outros níveis hierárquicos, podendo se tornar obreiras, realizando atividades de evangelização, orientações e aconselhamentos para adultos e ensinamentos para crianças na Escola Bíblica Infantil (E.B.I), e podem se tornar também esposa de pastor após seu casamento com um, exercendo atividades importantes para suporte ao seu marido, tanto no âmbito doméstico quanto espiritual, sendo este último papel considerado o mais alto grau de hierarquia que a mulher pode destinar-se dentro dessa denominação.

O presente trabalho tem como objetivo analisar, a partir de uma perspectiva antropológica, tanto a estrutura eclesiástica da Igreja Universal do Reino de Deus, destacando elementos que englobam a diferenciação de responsabilidades a partir do gênero, assim como pretende analisar o processo de conversão dos membros, focando na figura da mulher e do seu papel enquanto mulher neopentecostal dentro e fora da igreja. A partir disso, pretende-se analisar de que forma essa religiosidade neopentecostal influi sobre o *ethos* e *visão de mundo* das mulheres, destacando elementos da personalidade feminina neopentecostal, assim como sua forma de enxergar e se situar no mundo.

A metodologia utilizada para análise desses elementos foi a etnografia dos cultos da IURD, a fim de entender como se dá a dinâmica das reuniões e a sociabilidade dentro da igreja, e entrevistas baseadas na história de vida de algumas mulheres membros da igreja. Além disso, conversei bastante com vários membros da igreja para trocar informações sobre os elementos que englobam a dinâmica da sociabilidade entre os membros na igreja, com o objetivo de extrair o máximo de detalhes possíveis sobre seu universo religioso. É importante ressaltar também que o interesse em realizar essa pesquisa, se dá pelo fato de já ter feito parte da igreja quando criança e adolescente, o que de certa forma me traz uma grande bagagem de vivências dentro desse ambiente evangélico. Além disso, desde criança essa denominação fez parte das conversas e símbolos religiosos dentro do meu ambiente familiar pelo fato de ter uma irmã mais velha e primas que são membros assíduas da igreja há mais de uma década, tornando-se parte também da organização eclesiástica da igreja em seus diversos níveis. Neste sentido, apesar de possuir resquícios de uma subjetividade de quem já fez parte dessa denominação enquanto membro, busquei ao máximo enquanto Cientista Social manter um olhar antropológico e entender toda a motivação coletiva por trás dos elementos estudados, me afastando de qualquer pré-conceito ou subjetividades

estabelecidos tanto através do senso comum ou também através das vivências já tidas na adolescência.

Foram realizadas entrevistas com três mulheres da igreja, sendo elas distribuídas entre seus níveis hierárquicos como membro, obreira e esposa de pastor, a fim compreender o universo de cada mulher, suas responsabilidades dentro e fora da igreja e sua maneira de ver e se posicionar no mundo enquanto mulher neopentecostal. Analisar o perfil da mulher neopentecostal, englobando tanto aspectos da conversão, do *ethos* e *visão de mundo*, nos coloca um questionamento sobre qual é o pensamento dessas mulheres com relação a problemas sociais atuais, que para o universo religioso pode ser considerado um tanto quanto polêmico quando se aborda, por exemplo, questões de gênero.

O primeiro capítulo se divide em três partes, na primeira farei uma breve introdução sobre os conceitos de *ethos e visão de mundo*, e na segunda pretendo demonstrar como a religião influencia na construção da subjetividade do indivíduo. Logo adiante, apresento de que forma a Igreja Universal do Reino de Deus conseguiu conquistar um notório número de membros e expandir seus templos em várias a partir de seus discursos e sua capacidade midiática. No segundo capítulo, apresento as entrevistadas fazendo uma análise a partir de sua história de vida como ocorreu seu processo de inserção no meio religioso e principalmente a sua conversão na IURD. No terceiro analiso a partir de uma perspectiva de gênero como os discursos pregados dentro da igreja reforçam uma identidade feminina conservadora em relação aos estudos de gênero atuais.

CAPÍTULO I

1.1-Ethos e visão de mundo

Ao pensar nas grandes transformações ocorridas na história da humanidade, é possível perceber como essas mudanças proporcionaram para os indivíduos novas formas de enxergar o mundo, assim como novos valores que condicionam nossa experiência mundana e que atuam de forma importante da nossa percepção sobre o mundo. A religião, por exemplo, é um fator que exerce papel importante nessas transformações da subjetividade humana já que oferece ao indivíduo uma forma de interpretação do mundo assim como os grandes fatos históricos faz. Para as religiões de negação do mundo, a sociedade e o estado atual das coisas são estigmatizadas negativamente, ou seja, o mundo atual é um lugar de sofrimento, de injustiças, de caos. Ocorre nesse sentido uma desvalorização do mundo enquanto tal, colocando um suposto ‘outro-mundo’ - que está fora do mundo atual - como um lugar destinado à realizações divinas e o fim dos infortúnios existencialistas da vida no mundo real atual. A mesma coisa ocorre na perspectiva da cosmologia moderna ocidental, ao perceberem que as promessas de resolução de alguns problemas sociais não foram cumpridas com essa nova lógica de organização da sociedade capitalista e individualista, o mundo passa a ser desvalorizado e os indivíduos se encontram desamparados perante os problemas da sociedade, fazendo com que depositem toda sua esperança de resolver os problemas encontrados no presente, num futuro que pode ser distante. Tanto esses valores modernizantes quanto os religiosos atuam de maneira direta na forma como o indivíduo organiza sua conduta perante a sociedade, construindo e modelando o seu *ethos* e sua *visão de mundo*. Assim sendo, para o antropólogo Clifford Geertz:

Na discussão antropológica recente, os aspectos morais (e estéticos) de uma dada cultura, os elementos valorativos, foram resumidos sob o termo “ethos”, enquanto os aspectos cognitivos, existenciais, foram designados pelo termo “visão de mundo”. O ethos de um povo é o tom, o caráter e a qualidade de sua vida, seu estilo moral e estético, e a sua disposição é a atitude subjacente em relação a ele mesmo e ao seu mundo que a vida reflete. A visão de mundo que esse povo tem é o quadro que elabora das coisas como elas são, na simples realidade, seu conceito da natureza, de si mesmo, da sociedade.

Ao analisar a religião e restringir a sua análise na dimensão cultural desta, a partir de sua concepção sobre o que é considerado cultura, Geertz explica que os símbolos sagrados sintetizam o *ethos* de um povo e a sua visão de mundo sobre a ordenação das coisas, sendo assim, os símbolos religiosos estabelecem uma harmonia fundamental entre uma metafísica específica, que seria a visão de mundo, e entre um estilo de vida particular, que seria o *ethos* de um indivíduo.

Neste sentido, pode-se dizer que o *ethos* e a *visão de mundo* de um indivíduo vai se alterando de acordo com as mudanças que ocorrem na sociedade, existindo fatores externos como por exemplo as instituições sociais difusoras de valores (família, escola, igreja, etc.), que podem influenciar na construção desses elementos que agem diretamente composição da nossa identidade enquanto ser social. É interessante neste sentido, analisar as diferentes visões de mundo que algumas instituições específicas podem inferir na sociedade, e de que forma elas atuam na construção da conduta social dos indivíduos.

Segundo Duarte (2006, p.9) “todo sujeito social se relaciona com a” família” (nova ou de origem; de modo afirmativo ou negativo) ou lida de algum modo com a religiosidade (em uma atitude positiva ou negativa; frouxa ou institucionalizada)”, ou seja, são relações sociais que influenciam na formação de um *ethos* e *visão de mundo*.

A socialização de um indivíduo é o processo pelo qual este constitui sua percepção da realidade social em que está inserido, bem como o processo ao qual o indivíduo torna-se parte e se enquadra ou não às normas e valores da sociedade que vive. Para Berger e Luckmann (1985) a primeira socialização, que é constituída no ambiente familiar, é o primeiro contato que os indivíduos vivenciam e interiorizam os valores e moralidade da sociedade a partir da realidade social em que estão inseridos. Essa primeira socialização é a base para se constituir outros processos de socialização que advém de outras instituições sociais, como por exemplo, a instituição escolar. Para Geertz, assim como a família, a religião também exerce um papel fundamental na orientação da conduta humana, quando este diz que:

“A religião nunca é apenas metafísica. Em todos os povos as formas, os veículos e os objetos de culto são rodeados por uma aura de profunda seriedade moral. Em todo lugar, o sagrado contém em si mesmo um sentido de obrigação intrínseca: ele não apenas encoraja a devoção como a exige; não apenas induz a aceitação intelectual como reforça o compromisso emocional. Formulado como *mana*, ou como a Santíssima Trindade, aquilo que é colocado à parte, como além do mundano, é considerado, inevitavelmente como tendo implicações de grande alcance para a orientação da conduta humana. Não sendo meramente metafísica, a religião também nunca é meramente ética. Concebe-se que a fonte de sua vitalidade moral, repousa na fidelidade com que ela expressa a natureza fundamental da

realidade. Sente-se que o "deve" poderosamente coercivo cresce a partir de um "e" fatal abrangente e, dessa forma, a religião fundamenta as exigências mais específicas da ação humana nos contextos mais gerais da existência humana.”

Esses valores que compõem de forma mais imediata a dimensão moral e a definição dos sujeitos sociais, traz consigo questões sobre as relações entre o *ethos familiar* e o *ethos religioso*. Ocorre segundo Duarte (2006, p.7) ocorre que, na “sobreposição dessas duas ordens de relacionalidade primordiais - uma mais societária, e a outra mais cosmológica - que se definem as condições básicas de presença dos sujeitos no mundo, aquelas que o sustentarão como elemento da via pública e de seus desafios.”

Assim, para estudar as instituições religiosas e as práticas públicas e privadas que lhes estão associadas, é importante fazer uma série de análises diferenciais, dando ênfase no indivíduo, na família e na congregação. Essas análises serão das características mais gerais da dinâmica social moderna, que “são tensionadas entre as implicações práticas da hegemonia da ideologia do individualismo moderno e a necessária preservação das condições coletivas, comunitárias ou associativas da vida social.” (DUARTE, p.51)

Entende-se nesse sentido que há uma sobreposição de valores quando a religião na sociedade ocidental moderna, busca romper com o individualismo exacerbado da modernidade e resgatar laços de solidariedade ou de uma rede comunitária que dá confiança e que oferece bases para a construção de uma sólida identidade. Esse é o caso das congregações atuais, onde os laços de amizade e as relações sociais ocorrem preferencialmente entre membros da mesma denominação, o que nos faz perceber a tentativa de resgatar o sentimento comunitário destruído pela ideologia individualista e capitalista atual.

A disposição diferencial que o indivíduo encontra em se adequar e se relacionar com alguma dessas formas difusoras de valores, depende do direcionamento do *ethos privado* de cada sujeito social a partir do quadro complexo das alternativas de construção de si existentes na sociedade ocidental moderna. Existem então muitas alternativas na sociedade moderna que influenciam na construção da visão de mundo do indivíduo, e que implicam diretamente na gestão da sexualidade, afetividade e reprodução dos indivíduos, ou seja, que orientam a conduta de seu *ethos privado*. Neste sentido, (Duarte et al., 2006, p.16) coloca que:

Sendo assim, é importante ressaltar que é a disposição de *ethos* abraçada pelo sujeito social, que os fazem ter uma aproximação ou um afastamento a determinadas opções confessionais e à eventual admissão de uma reserva subjetiva em relação às determinações de sua religião atribuída, ou seja, a disposição de *ethos* se dá a partir da influência das bases construtivas de valores. Neste caso, os indivíduos recebem influências a partir de sua socialização, e essas influências compõem de maneira mais direta a dimensão moral destes, assim como compõem a construção de uma disposição de *ethos* que se constrói a partir da sua realidade.

Essas hipóteses destacadas por Duarte, sobre a existência de um *ethos privado* e um *ethos religioso*, afeta diretamente sobre as reflexões presentes neste trabalho, que tem como objetivo analisar de que forma se dá a influência do pertencimento religioso na definição do comportamento privado de mulheres com vínculo à Igreja Universal.

1.2-Ethos religioso: A Religião como forma de enxergar o mundo

Para poder entrar nessa discussão de como se dá a influência da religião na maneira do indivíduo enxergar o mundo, é interessante trazer aqui alguns conceitos sobre religião, abordado por alguns antropólogos que estudam sobre o assunto. Clifford Geertz, quando este faz um estudo sobre a interpretação das culturas abordando a religião como um sistema cultural, diz que a religião é um:

Sistema de símbolos que atua para estabelecer poderosas, penetrantes e duradouras disposições e motivações nos homens através da formulação de conceitos de uma ordem existencial geral e vestindo essas concepções com tal aura de facticidade que às disposições e motivações parecem singularmente realistas. (GEERTZ, 2008, p. 67)

Existem alguns antropólogos que defendem outras ideias em relação a este conceito como por exemplo, o antropólogo Talal Asad, que considera a religião como um conceito de uma essência trans-histórica e transcultural, ou seja, o autor diz “que as formas, pré-condições e efeitos socialmente identificáveis sobre aquilo que era considerado religião durante a época cristã medieval, são diferentes do que é considerado hoje na sociedade moderna”(Asad, 2010, p.263).

O antropólogo Louis Dumont ao falar das mudanças ocorridas ao longo da história diz que, da mesma forma que a religião impulsionou grandes mudanças sociais em relação aos seus valores ao longo da história, a mesma também fez parte deste processo e também se modificou, ou seja, também se alterou a natureza da religião como ela é vivida por aquele que é religioso. A religião se transformou então em uma questão que era antes coletiva e que agora tornou-se individual, no que diz respeito aos princípios e práticas. Dessa forma, Dumont explica que no momento em que a religião perde sua capacidade totalizante de ser, ou seja, quando a religião perde a capacidade de ser abrangente em relação às explicações do mundo, abre possibilidade para emergir outros fatores que atuarão no mesmo nível de igualdade como, por exemplo, o fator político de uma sociedade, o que fará com que os indivíduos alterem os seus valores, já que este outro fator possui configurações de valores que são diferentes do primeiro.

Para Asad (2010), aquilo que chamamos de poder religioso no período medieval era distribuído de outra forma e possuía um ímpeto diferente, ou seja, possuía uma configuração diferente do que nos tempos modernos. Quando os antropólogos, diante de um fenômeno, consideram este um fenômeno que possui elementos característicos do que chamamos de “religião”, atentou-se para ressaltar que este fenômeno possui inferência das tentativas cristãs de alcançar determinadas coerências em doutrinas e práticas mesmo que esta não tenha sido totalmente alcançada, ou seja, além de ter elementos historicamente específicos, não se pode existir uma definição universal de religião, na medida que a forma de utilizar o conceito de religião está associada ao contexto cristão, relativizando dessa forma o próprio conceito, pois toda definição pode privilegiar um determinado aspecto, o que se torna em algo problemático.

Novamente falando sobre a definição de religião e suas controvérsias, Geertz trata como sendo um sistemas de símbolos, esses símbolos qualquer são atos, objetos ou acontecimentos que possuem vínculos a uma determinada concepção, sendo esta concepção o significado dos símbolos. Por exemplo, na religião católica a cruz é tratada, a partir dessa concepção de Geertz, como sendo um símbolo que é ligado a uma concepção cristã, que possui o significado desse símbolo, porém, o autor acredita que posteriormente essa definição de símbolos é complementar, pois acredita que os símbolos não são somente veículos a uma concepção, acredita que os símbolos são a própria concepção, ou seja, o próprio significado. Além disso, Geertz afirma que um símbolo pode ter a mesma representação mas ter concepções diferentes, porém, essas concepções são separadas teoricamente e esses símbolos possuem uma conexão que é intrínseca com acontecimentos empíricos. Geertz (1989) diz que essa separação consiste na medida que “a dimensão simbólica dos acontecimentos sociais é como a dimensão psicológica, que é abstraível a partir desses acontecimentos como totalidade

empíricas. Dessa forma, os símbolos é a representação ou um aspecto da realidade, que possui significados advindos da realidade num contexto particular.

Talal Asad, aponta que símbolos apresentam aspectos tanto conceitos como complexos, atribuindo a si uma importância intelectual, ideológica e emocional, sendo assim, reforça a tese de que os símbolos são o próprio significado. O autor, ao citar Vygotsky, explica que a construção de um símbolo é condicionado pelas relações sociais que as crianças se envolvem, aquelas mesmas relações em que estão condicionadas a se envolverem devido ao contexto social. Essas relações se desenvolvem de uma maneira na medida que são convertidas em símbolos expressos de significado. Asad afirma também que os símbolos são padrões culturais e fonte extrínseca - pois está além do indivíduo - de informações e que a investigação de como acontece a construção desse símbolo é de interesse antropológico. No entanto, os padrões culturais podem ser pensados em *modelos de* e *modelos para*, assim como Geertz atribuía ao falar da dimensão simbólica da religião com “se fala do mundo e também como se deve agir nesse mundo”. Há uma analogia no sentido de reforçar que os padrões culturais podem ser pensados em modelos de realidade e para a realidade.

Geertz diz que os símbolos religiosos induzem os crentes a um conjunto de disposições que são as inclinações, propensões, hábito, compromissos etc., e que representa um fluxo de atividade em relação ao significado daquele símbolo, assim como, confere qualidade à experiência. Além disso, não é possível julgar como seria a disposição de um cristão sem levar em consideração que além da devoção, essa disposição advém de um contexto econômico, político e social na qual há uma biografia individual introduzida a determinado contexto que confere estabilidade ao fluxo das atividades e também à qualidade de sua experiência social. Assim, é possível perceber que os símbolos são subjetivos. Os símbolos produzem disposições e motivações, as motivações seriam tornadas significativas no que se refere aos fins que são concebidas e mesmo quando os símbolos falham no sentido de produzir disposição e motivação, ele não deixa de ser um símbolo.

Dessa forma, é possível dizer que as classificações sobre o que é religião se tornou algo a ser feito por diversos filósofos, teólogos e antropólogos. O que se constatou para os antropólogos é que a religião é um conjunto de significados simbólicos que são ligados a uma ideia de ordem geral e que são expressados através de ritos ou rituais. Ela possui funções genéricas que não devem ser confundida com nenhuma outra formas históricas ou culturais particulares.

Geertz dizia que as religiões precisam afirmar algo em relação a natureza fundamental da realidade, caso o contrário, ela é somente uma coletânea de práticas estabelecidas e sentimentos que associa-se ao moralismo e não são consideradas religião como tal. A relação entre a teoria e a prática religiosa traz um problema de intervenção onde se busca construir a

religião no mundo e não na mente, através de aspectos que determinam o que são essas práticas religiosas. O autor entende que a sociedade tem pavor da desordem já que conclui que os símbolos religiosos satisfazem a necessidade que o ser humano tem de uma ordem geral de existência, sendo assim, é função do símbolo ter que lidar com ameaças à ordem, que são percebidas nas suas demais dimensões, intelectual, física e moral. Neste sentido, Geertz afirma que os símbolos religiosos são um meio de nos fazer suportar a condição humana que é dolorosa e cheia de ignorância e injustiças.

Geertz retrata que é através de rituais, ou seja, através das práticas religiosas é possível fazer a manutenção e reforçar os valores que aqueles símbolos carregam e diz também que é nesse momento que o indivíduo pode afirmar a sua convicção naquilo que tem crença ou ir a caminho da fé. Mas, segundo Geertz, o que garante que os indivíduos nos rituais serão guiados pelo caminho da fé sendo que a linha que separa o religioso daquilo que não é religioso ainda não foi traçado? É neste sentido que, Geertz conclui que os rituais não são então a maneira de como o indivíduo se conduz para o caminho da fé, mas, na verdade, é a maneira como a fé atua nesses indivíduos.

O autor acredita que a separação entre a religião e outros fenômenos, como a política, permite ela a se defender de uma determinada irracionalidade. A religião tem a essência única, que é diferente dos outros fenômenos e, sendo assim, não produz uma falsa consciência no indivíduo. Talal Asad acredita que os símbolos produzem disposições que parecem realistas mas que não é possível saber de que forma parecem realistas. Posteriormente Asad apresenta uma ambiguidade no que se refere à religião e ao senso comum. O autor afirma que os indivíduos se encontram constantemente entre a perspectiva religiosa e a perspectiva do senso comum, pois o senso comum é algo que é partilhado entre os homens na sociedade e o homem não pode ter uma falta total dele. Sendo assim, o autor compreende que a perspectiva religiosa é algo que é independente enquanto a do senso comum não é. Na medida em que o homem muda, se modifica também o mundo do senso comum. Talal Asad conclui que os símbolos religiosos não podem ser compreendidos sem levar em consideração as relações históricas com os símbolos não religiosos. Os símbolos religiosos estão diretamente ligados à vida social, sendo assim, se altera constantemente. Não é a busca pelo significado dos símbolos que está sendo levada em consideração, mas como a importância desse símbolo foi criada num momento de disciplina historicamente específico.

Neste sentido, a dimensão simbólica da religião se fala do mundo e também como se deve agir nesse mundo. Sendo assim, o *ethos religioso* de um indivíduo, seria aquele perfil que se almeja seguindo as determinações morais que são valorizadas dentro de cada

denominação religiosa. Pode-se neste caso fazer uma comparação com o Modelo de e Modelo para de Geertz, ou seja, a religião proporciona para os indivíduos um modelo de mundo que compõe diretamente a *visão de mundo* que este terá e, ao mesmo tempo proporciona um modelo de como deve-se agir nesse mundo, que é o chamado *ethos religioso*.

Nesse sentido, é interessante analisar um trecho em que Duarte (2006) diz:

Trata-se também de compreender como as disposições programáticas contidas nas diferentes denominações religiosas (e suas tendências congregacionais locais) interagem com as disposições de origem não-religiosa (ou, ao menos não-confessional) correntes na sociedade e, sobretudo, como os sujeitos sociais constroem sua trajetória de vida com base nessa trama completa de possibilidades, selecionando suas alternativas (e sendo selecionada por elas) de gestão das práticas afetivas, sexuais e reprodutivas. (p.42)

Será então a partir da história de vida das mulheres da Igreja Universal do Reino de Deus, e analisando assim toda sua trajetória religiosa desde os primeiros contatos com a igreja até seu processo de conversão, que farei uma análise desses elementos que compõem de maneira direta a visão de mundo da mulher neopentecostal, assim como os valores que compõem a dimensão moral dessa visão de mundo.

1.3-Mediatização da palavra de Deus e elementos ritualísticos

Antes de analisar o processo de conversão desses membros, é interessante fazer uma análise sobre as diversas formas de proselitismo evangélico contidas no grande leque de possibilidades congregacionais no Brasil. O fato de existir uma igreja com a quantidade maior de membros que outra, tem um significado: a forma de fazer proselitismo de tal denominação funcionou. É claro que não se pode levar em consideração apenas esse fato, já que todo o trabalho estamos falando sobre uma disposição de *ethos* que faz com que um indivíduo se afaste ou se aproxime à determinadas opções confessionais, além também dos rituais exercerem papel fundamental na manutenção de vínculos dos membros. Mas o proselitismo não deve ser descartado e deve ser levado em consideração, já que dependendo da forma como ele é feito ou aplicado, terá um alcance maior em determinada camada da sociedade. A Igreja Universal do Reino de Deus é uma igreja com fortes técnicas proselitista que compõem o cenário religioso atual, arrastando milhões de fiéis por onde passa. Além de técnicas proselitistas feitas em bairros das cidades, hospitais, prisões, entre outros espaços da sociedade, a igreja conta com uma forte mediatização de seu proselitismo.

Diariamente há cultos transmitidos pela emissora de televisão - onde o líder principal da denominação Edir Macedo é dono - que é controlada por seus bispos da igreja, a Record TV. Além da televisão, a igreja utiliza outras mídias sociais como diversas emissoras de rádio AM e FM, portais na internet como o Universal.org, mídia impressa com o Folha Universal, além de diversas revistas, editora de livros, entre outros meios de divulgação social da denominação, e que cobrem boa parte do território brasileiro.

O discurso religioso presente nessas formas de proselitismo, se efetiva na medida em que ele é acessível para grande parte da população. Geralmente são discursos associados às promessas do desamparo causados pela modernidade com a ideologia do individualismo e às desigualdades provocadas pelo capitalismo. São difundidos discursos de amparo às demandas sociais que não são cumpridas nos governos da sociedade, envolvendo saúde, trabalho entre outros elementos que compõem a esfera da assistência social. Neste sentido, há de notar que a Igreja Universal do Reino de Deus, possui grande parte de seus membros advindos das classes populares, e utiliza a base de sua proposta religiosa – cura, libertação e prosperidade -para conquistar aqueles que estão em condições fragilizadas na sociedade.

Segundo Almeida (2009):

Do ponto de vista mais doutrinário, a Igreja Universal também demarca algumas diferenças. Em primeiro lugar, a cura. Tanto as igrejas pentecostais quanto a versão católica do pentecostalismo, a Renovação Carismática, prometem a cura do corpo. Mas a Igreja Universal, em pregação ostensiva, promete desde a cura da dor de cabeça, da depressão, do desmaio, do nervosismo – em suma, dos infortúnios que atingem o cotidiano de qualquer pessoa – até a cura da doença mais estigmatizada nas últimas décadas, a aids. De fora mágica, pelo contato com “óleos santos”, “sal abençoado”, “roupas ungidas”, a cura é prometida a todos que têm fé. (p.131)

O proselitismo faz apenas o papel de captação de seus membros, porém a permanência ou a continuação dos indivíduos, se dá a partir da manutenção de vínculo que são dadas a partir dos rituais ou cultos. São nos cultos ou nas reuniões que os laços são reforçados e são reforçados pelo fato das representações simbólicas serem reforçadas, ou seja, a criação de vínculo se dá a partir do sentimento de pertencimento a um conjunto de representações simbólicas que fazem sentido para si. É interessante analisar agora de que forma essas igrejas neopentecostais, neste caso em específico a IURD, fazem um certo compartilhamento de certos símbolos e elementos religiosos que não pertencem ao seu

universo religioso, com o objetivo de abranger e conquistar mais membros que compõem outros universos religiosos.

Ronaldo de Almeida no livro “A Igreja Universal e seus demônios, um estudo etnográfico”, relata um pouco sobre o trânsito das entidades que ocorre uma inversão e continuidade de rituais de outras religiosidades. Ao citar Roger Bastide, um estudioso que se preocupou em dar um estatuto social à possessão no Candomblé, contrapondo-se à ideia de um momento de histeria, analisou os estágios e os procedimentos do ritual e constatou que para que a possessão possa ocorrer, é importante obedecer uma sequência de atos. Almeida citando Bastide ao explicar essa questão diz que:

As etapas de possessão, como as de qualquer ritual, podem ser decodificadas, pois existe uma ordem temporal explícita a ser obedecida para que o transe ocorra: a presença dos santos precisa ser invocada, e ele se incorporam depois de executados uma batida e cânticos específicos. E não é qualquer santo que “desce”, pois existe uma relação precisa de cada um deles com a batida e os cânticos na produção da possessão. Além disso, o próprio “cavalo” somente recebe o santo para o qual a sua cabeça foi destinada. Não existe nada de aleatório, despropositado ou histérico na possessão. Uma vez incorporado, o “cavalo” fará exatamente os movimentos e a mesma dança que representam o mito de origem do santo correspondente. Em suma, há um controle social na possessão (p. 101)

Neste sentido, podemos analisar a questão da possessão e encaixar nessa questão de inversão e continuidade de rituais de outras religiosidades. Sendo assim, é possível entender que a Igreja Universal dá uma continuidade à possessão de entidades e ao mesmo tempo inverte o sentido original do Candomblé. Para a Igreja Universal, todas as pessoas que frequentaram um terreiro e se encontram diante de um ritual de possessão estão abrigados pelos demônios. Segundo Almeida “tanto compactuar com a crença, quanto participar ativamente do ritual, desde a incorporação a simples ingestão de uma comida sagrada aos santos, capacita qualquer um a abrigar um demônio.”

Analisando então neste sentido a dinâmica das reuniões e cultos da IURD e também a partir das narrativas dos próprios membros, é possível perceber elementos simbólicos de outras formas de religiosidade, que são utilizados às vezes para se colocar em disputa com essas outras formas e obter maior legitimidade. Por exemplo, na Igreja Universal do Reino de Deus, todos os dias existem cultos destinados à determinadas temáticas específicas, tendo dias em que os cultos são destinados à cura e à libertação, sendo essa reunião conhecida como “Sessão Espiritual do Descarrego” que ocorre todas às terças-feiras em todos os seus

templos. Colocarei a seguinte, o texto que faz o convite à população. O trecho a seguir foi retirado de um portal da IURD na internet:

“TERÇA-FEIRA:A Sessão do Descarrego, que acontece às terças-feiras na Igreja Universal do Reino de Deus, foi criada com o objetivo de lutar contra as forças espirituais do mal. Nestas reuniões, são feitas orações fortes para a quebra da maldição e, com isso, milagres ocorrem constantemente a cada encontro. Dê um ponto final ao seu sofrimento. Busque ao Deus vivo que é capaz de libertar, curar e fazer de você uma pessoa completamente feliz. Horários às 07:30, 12h e 15h;especialmente, às 19:30hs:Sessão espiritual do descarrego.”

Essa descrição do culto feita por canais oficiais da igreja, é cabível de muitas análises para compreender a questão da apropriação de símbolos de outras religiosidades. É claro que utilizei também, da minha experiência etnográfica nas reuniões pra fazer essas interpretações. A cura e a libertação nesses cultos só são realizadas mediante a expulsão de ‘demônios’, verdadeiros causadores de todos os infortúnios e problemas existencialistas dos indivíduos. Nos cultos, os pastores fazem uma menção a esses demônios, que é diferente do que a igreja católica considera por ‘demônio’, e associa eles às entidades identificadas no contexto das religiões de matriz africana, fazendo de certa forma uma reinvenção do ‘demônio’ na medida em que atacam outra religião ou entidades de outras religiosidades. De acordo com Almeida (2009):

[...] assim como a Igreja Universal, quase todos os pentecostais praticam de alguma maneira o exorcismo. Mas nela o exorcismo tornou-se peça central da dinâmica dos cultos, na medida em que os males da vida encontram sua origem em Satanás e seus demônios. O desemprego, a miséria, a crise familiar – novamente, os problemas que afligem o cotidiano das pessoas, principalmente das camadas mais desfavorecidas da população – são quase sempre de origem maligna.(p.131)

Neste sentido, é criada toda uma “batalha espiritual”que tem o objetivo de atrair mais fiéis aos templos. Essa batalha espiritual se dá na medida em que os problemas mundanos possuem ligações diretas com o mal - demônios –, e toda a proposta religiosa da igreja - a cura, libertação e prosperidade - só se dá na medida em que o fiel se engaja num compromisso com a sua fé, ou seja, a responsabilidade da resolução dos problemas existencialistas dos fiéis depende exclusivamente do seu compromisso e dedicação com a igreja.

Sendo assim, a partir da experiência etnográfica, pude acompanhar com frequência os pastores ressaltarem a importância de ir frequentemente – se possível diariamente – aos cultos, pois é dessa forma que o fiel demonstra um compromisso sério com Deus. Neste sentido, é possível perceber que o tipo ideal de *ethos religioso* da igreja é aquele que mais se doa e mais se entrega em função da Igreja, como é o caso das mulheres membros

entrevistadas que veremos no capítulo seguinte com maiores detalhes. Essas mulheres se entregaram de uma forma, que passaram boa parte da sua fase adolescente e atualmente a adulta, indo diariamente à igreja. Quase não se faltava um dia se quer, e o objetivo era mostrar o engajamento com a sua fé. Lembro-me que quando era criança, vendo minha irmã, primas e suas amigas, parecia uma espécie de competição sobre quem estava mais comprometido com Deus. Isso se via principalmente entre as mulheres, que possuem presença significativa no meio neopentecostal, pois segundo Machado (2005):

É interessante observar que a inserção das mulheres decorre da possibilidade de criar espaços alternativos para a discussão dos problemas familiares e femininos, ajudando na recuperação da autoestima, entabulando redes de cooperação e proximidade que possibilitem, entre outras situações, a entrada no mercado de trabalho,

Com isso, é importante entender também a necessidade da igreja em dividir os dias da semana para uma temática de culto diferente, o que faz com que o fiel sempre necessite participar de todas as reuniões, onde há dias voltados para a família, para a cura do corpo e da alma pelo Espírito Santo, cultos motivacionais para um sucesso financeiros, cultos voltados para a vida amorosa. Percebe-se que são temas que estão diretamente associadas ao cotidiano dos indivíduos. São temas que, quando associados a uma Teologia da Prosperidade, causam grandes impactos nas camadas mais populares da sociedade. Impactos esses que são positivos para essas denominações que compartilham dessa mesma teologia, na medida em que o discurso para a captação de fiéis apropria de todas essas fragilidades dessa parcela da sociedade para vender um discurso de curas e transformações mágicas em sua vida.

No próximo capítulo, irei introduzir as entrevistas realizadas com três mulheres fiéis da Igreja Universal há mais de dez anos. Através da história de vida delas, busquei compreender como ocorreu todo o seu processo de conversão e qual foi a motivação por trás dessa mudança. Pretendo analisar também essa transformação de *ethos* que ocorrem na vida dessas mulheres a partir desse ethos religioso que agora passa a constituir a sua identidade.

CAPÍTULO II

2.1- Conversão e mudança de vida

A conversão é a forma pela qual os indivíduos aderem a novas opções religiosas que estão disponíveis na sociedade dentro de um leque de opções congregacionais. É uma experiência subjetiva, interiorizada e profundamente afetiva que o indivíduo passa. Segundo Clara Mafra (2002), atualmente no meio evangélico tem se visto importantes mudanças nas dinâmicas de conversão. Essas mudanças observadas, vão desde a intensificação dos ritmos das conversões como também quando paramos para analisar o crescimento das populações envolvidas com o meio religioso.

A categoria conversão tem assumido muitos significados diferentes sem que nenhum consiga descrever de maneira efetiva as características importantes dos movimentos pentecostais contemporâneos, que são marcados por uma maior vulnerabilidade devido às diferenças e variedades congregacionais existentes. Mas é fato que, a ideia de conversão está associada a um processo de grande mudança na trajetória individual dos convertidos, onde segundo Heirich (1977, p.654, apud Mafra, 2002, p.117) “o ego aceita um conjunto de crenças que questionam as estruturas cognitivas e de ação anterior ou onde ele retoma um conjunto de crenças e compromissos contra os quais um dia se havia rebelado”. Segundo Mafra (2002, p.119), essa perspectiva, que enxerga na conversão uma viragem totalmente dramática na orientação da vida dos indivíduos, faz parte da própria configuração do movimento pentecostal. Vários grupos e movimentos religiosos se esforçam em incentivar esse processo de conversão que demanda do converso a adesão de uma certa visão que divide claramente as fronteiras entre “o mundo” externo e o conjunto de crença e costumes que são compartilhados internamente numa denominação. Sendo assim, ao analisar o processo de conversão, de acordo com Mafra (2002):

[...]propõem-se explorar com mais atenção os processos sociais, os contextos – de passagem – caracterizados pela definição de fronteiras, de trocas simbólicas e de elaborações simbólicas, de inovações e de invenções em certa medida e que submete também à mudança os cultos envolvidos. Enfatizam então os dois lados do processo de reinterpretção e inovação simbólica, no qual o próprio missionário, proselitista ou propagador da boa vontade, acaba por participar e incorporar conceitos, valores e significados da população ou indivíduo que pretende converter.

Na Igreja Universal do Reino de Deus, o processo de conversão só se efetiva mediante a libertação realizada nos rituais. A libertação se dá a partir do momento em que o indivíduo se liberta de todo o mal – o diabo – que é causado em sua vida. A partir desse momento de libertação, o indivíduo faz uma reinterpretção de elementos simbólicos que norteiam a sua

existência e os seus valores morais na sociedade. A partir da libertação, o indivíduo está apto a fazer um batismo com o Espírito Santo, ou seja, mais uma forma de reinterpretação e assimilação de elementos simbólicos, o que faz com que o indivíduo trace uma linha sobre o seu antigo eu e o novo eu que está por vir. É muito comum atualmente, quando assistimos os programas dessas igrejas neopentecostais na televisão, quando os membros vão dar o seu testemunho eles sempre fazem referência ao seu antigo eu utilizando sempre o prefixo “ex”, para se referir a algo que deixaram de ser. Entre pastores dessas igrejas neopentecostais, por exemplo, muito se vê enxergam como Ex- traficantes, Ex-usuários de drogas, etc.

Neste sentido, é interessante analisar este processo onde ocorre uma mudança na trajetória individual dos conversos que passam por uma reinterpretação simbólica que faz repousar sobre o indivíduo a responsabilidade sobre as buscas de mudança de comportamento e de adesão a novas redes de significados compartilhados. Para se obter tal interpretação, é necessário uma escuta atenta dos relatos individuais para então poder sugerir os acontecimentos mais recorrentes e similaridades entre os relatos. As narrativas que serão inseridas no corpo do texto, fazem parte dos relatos de conversão e história de vida que acompanhei de três mulheres que conheço que são membros da Igreja Universal do Reino de Deus de Ituiutaba/MG. Essas mulheres são membros da igreja há mais de dez anos e também fazem parte da estrutura eclesial da igreja. Serão colocados nomes fictícios como forma de ocultar suas identidades. É importante ressaltar que, devido a distância geográfica que atualmente tenho com algumas entrevistadas, as conversas foram realizadas via chamada de vídeo, porém sempre se atentando aos detalhes de suas narrativas e a forma de como eram expressadas.

2.2-História de vida e experiência social

Me lembro que quando criança, minha irmã, que é mais velha que eu, certa época sempre foi rodeada de amigas, todas da Igreja Universal do Reino de Deus. Neste sentido, como sempre frequentavam a minha casa, pude conviver e socializar com cada uma das entrevistadas. Não que isso tenha facilitado a minha interpretação sobre a mudança de vida delas através da adesão religiosa, até porque como já dito, é necessário partir da interpretação da trajetória de vida individual que cada uma dessas mulheres passaram. Sendo assim, como conheci algumas dessas mulheres em um momento pós conversão, não possuo legitimidade para tirar análises que por vezes devem ser interpretadas em todo um contexto social específico vivido por cada uma dessas mulheres. Neste sentido, é interessante analisar de que

forma a IURD começou a fazer parte da história de vida e da experiência social dessas mulheres.

Antes de introduzir o diálogo com a primeira mulher, é importante destacar algumas dificuldades que tive para obter material de pesquisa. As dificuldades se dão em relação ao depoimento e narrativas de cada uma dessas mulheres, sendo que, algumas possuíam certo receio em me contar como foi todo o seu processo de conversão como se constituíam as suas experiências sociais dentro dessa religiosidade. Algumas mulheres que estão inseridas neste meio religioso neopentecostal sentem um pouco de desconforto em ter um diálogo com jovens, pois acreditam que possuímos valores mundanos, já que alguns comportamentos nossos não condizem com a moral religiosa que eles possuem. Neste sentido, mesmo após sempre comentar com elas por anos sobre o desenvolvimento desta pesquisa, na hora em que precisei colher mais detalhes de suas experiências sociais, duas delas não quiseram mais. Duas esposas de pastores que conheço há anos me negaram mais detalhes com o mesmo argumento: “Você sabe, não posso”. Achei importante destacar este acontecimento devido à explicação do não poder dar mais detalhes sobre como é pertencer ao universo religioso da Igreja Universal.

O que pude observar em todos esses anos que convivi com esses elementos simbólicos pertencentes à Igreja Universal no meu ambiente familiar é que, no caso em específico da Igreja Universal, esses fiéis as vezes ainda se sentem pouco constrangidos pelas polêmicas que já envolveram a Igreja, como no caso em que seu líder principal, o autointitulado Bispo Edir Macedo ficou 11 dias na prisão em 1992, acusado de charlatanismo, curandeirismo, estelionato e vilipêndio de outras religiões. Houve nessa época um conflito muito grande reforçado e reproduzido pela mídia contra a IURD, devido a forma como a igreja repercutia em seus cultos.

Segundo Ronaldo de Almeida (2009):

“O conflito com os meios de comunicação incipiente naquela época veio à tona no segundo semestre de 1995. Tendo a Rede Globo como veículo privilegiado de divulgação e a Igreja Universal do Reino de Deus como alvo central das críticas, o país assistiu a uma disputa que desencadeou, em certo momento, uma tensão entre dois segmentos religiosos, o catolicismo e o pentecostalismo”.(p.129)

Outra polêmica que também envolveu a IURD, foi o caso conhecido como “Chute na Santa”, em que um pastor da Igreja aparece na televisão proferindo chutes numa Santa da Nossa Senhora Aparecida, elemento simbólico da Igreja Católica. Segundo Almeida (2009), a Igreja Universal na televisão fazia sempre muitos ataques às outras religiões, como a alguns terreiros de Umbanda e Igreja Católica. As religiões afro-brasileiras sempre resistiam e

denunciavam vilipêndio. No entanto, apesar dos escândalos, a Igreja continuou se expandindo, ocupando grandes templos e lugares públicos e sendo conhecida em todo o país. Depois de tanta expansão, o interesse da mídia brasileira se voltou para essa igreja, sendo que a Igreja começou a ser acusada em relação à negociação em torno da copra da Rede Record.

Nesse sentido, a mídia brasileira sempre buscava fazer acusações para a Igreja, o que não fez diminuir a sua expansão, pois de acordo com Almeida (2009):

A Igreja Universal criou um estilo particular que, no conjunto de suas ações, a colocou em destaque. A Assembleia de Deus pode ser a maior denominação evangélica do Brasil, mas a Universal construiu uma estrutura de arrebanhamento de fiéis que faz dela a igreja mais ascendente no país. Utilizando-se dos meios de comunicação de grandes concentrações populares e convidando insistentemente os incrédulos e fiéis de outras religiões a participar de seus cultos, fez uma quantidade expressiva de pessoas passar pelos templos. Na verdade, como parte da clientela solicita os serviços religiosos somente nas situações de aflição, muitos não permanecem; entretanto, outros tanto comprometem-se com a instituição, tornando-se obreiros, pastores, bispos ou até funcionários de empreendimentos financeiros, dado que a igreja procura empregar aqueles que o apóstolo Paulo chamou de “irmãos da fé.”(p.130)

Acredito que o receio em responder algumas perguntas de forma mais detalhada sobre a experiência social das mulheres que citei acima, se dá neste contexto explicado. A Igreja já se envolveu em tantos escândalos e construiu toda uma visão crítica na mídia, que essas mulheres se preocupam pelo fato de eu estudar Ciências Sociais e proferir apenas críticas sobre sua religiosidade dessa igreja específica. Me atentei sempre que falava sobre a pesquisa para elas a explicar de forma didática e que se encaixasse em suas realidades, o que se estuda nas Ciências Sociais. Tentei explicar de diversas formas a perspectiva deste trabalho para elas, porém, com a visão que elas tinham de cientistas sociais que são críticos, acredito que elas ficaram com receio de que todo material seria usado para compactuar e reproduzir as críticas que a Igreja possui, o que não é o objetivo deste trabalho.

Sendo assim, a seguir terá o máximo de detalhes possíveis do material coletado para a pesquisa. Foram realizados vários diálogos e conversas com algumas perguntas a fim de direcionar para a história de vida de cada uma. Apesar do medo de algumas mulheres em detalhar mais sobre o que ocorre por dentro da igreja por medo de receber críticas, teve algumas que se empolgaram com a pesquisa, queriam saber mais e contar cada detalhe possível. Cheguei até a escutar da primeira entrevistada: *“Eu to sendo bem sincera, nunca ninguém me fez essas perguntas sério, estou achando bacana!!!(Maria).*

A primeira em que tive a conversa foi Maria, atualmente tem 31 anos de idade sendo intitulada na Igreja Universal em que frequenta como “Dona” Maria ou a “esposa do pastor”. Nos diálogos com Maria, pude perceber que houve toda uma mudança de sua trajetória de experiência social em função de sua religiosidade, principalmente em função de sua dedicação e respeito com a IURD. Maria frequenta a Igreja Universal há mais de 16 anos. A influência familiar, a levou a se tornar-se parte da igreja como nenhuma outra igreja o fez. Foi obreira há anos e sempre se dedicou dia após dia a “*fazer a obra de Deus*”, com trabalhos voluntários levando a palavra de Deus para os outros lugares fora da igreja. Rodeada por toda essa experiência social, pôde dividir com seu grupo de amigas o mesmo sonho: dedicar-se totalmente à obra de Deus.

Mas como fazer a obra de Deus? Ela dizia que era indo todos os dias e sempre se esforçando em se sacrificar-se em prol do ser divino. Com toda a mudança que a igreja provocou em sua experiência de vida e todo o estímulo que reforçado pela igreja, Maria queria mais do que ser obreira, queria demonstrar a concretização de sua experiência legítima de fé, o maior sacrifício que poderia oferecer para Deus seria dedicar totalmente a sua vida à Igreja e ao altar. “Fazer a obra de Deus” foi o que ela buscou fazer. Atualmente, como mulher, a maneira em que ela pode se dedicar totalmente à isso, foi se casando com um Pastor e que logo depois ambos assumiram a responsabilidade dos cultos de uma IURD. Os dois vivem juntos atualmente na cidade de Barbacena/MG, pra onde Maria teve que abrir mão de todas as experiências passadas - isso inclui o trabalho, família, amigos - para agora responsabilizar-se e dedicar-se exclusivamente à Igreja Universal do Reino de Deus. Novas responsabilidades e novas formas de enxergar e se posicionar no mundo, uma posição social de respeito perante as relações sociais dentro da igreja. Um desejo, um anseio muito grande que desperta em todas as outras mulheres que se inserem neste meio, o desejo de ter uma posição e de ser importante e reconhecida dentro da organização da igreja, de alcançar uma maior hierarquia. Atualmente ela se dedica somente a isso. Cuida das atividades da igreja quase todos os dias e também é dela a responsabilidade da manutenção do trabalho doméstico.

O segundo diálogo que analisei foi feito com minha irmã, onde a chamarei aqui de Ester. Apesar de ser uma conversa em que se há pré-noções sobre todas essas experiências sociais que foram novamente narradas, devido ao fato de eu ter compartilhado o mesmo ambiente e moralidade familiar, me atentei em focar no máximo de detalhes das narrativas, para poder extrair informações de vivências que se assimilam às outras narrativas com as outras mulheres. Isso também explica o fato da motivação da pesquisa já que todas as mulheres que pude conviver boa parte da adolescência - minha irmã e todas as suas amigas -

sempre foram essas fiéis da IURD que vivenciaram uma transformação de vida após a sua conversão. Ester atualmente tem 33 anos e está na IURD desde os 18 anos. Muito tímida desde sempre, ela queria recuperar toda a sua autoconfiança e autoestima perdida devido aos preconceitos que já passou pela vida. Ela como mulher negra, sempre foi estigmatizada e tratada diferente das mulheres brancas de sua geração, na família, na escola, na rua, em todos os lugares teve uma sociabilidade diferente devido à questão racial.

Sempre escondida por toda essa dupla opressão, por ser mulher e por ser negra, Ester encontrou na IURD a maneira de conseguir recuperar um pouco de sua autoconfiança perante a sociedade. Se tornou uma obreira ativa e sempre muito comprometida com Deus. Compartilhou também junto com Maria, o desejo em se tornar esposa de pastor, dedicar-se exclusivamente ao altar, afinal de contas é uma posição respeitada e admirável por parte dessas mulheres. Me lembro que todo o grupo de amiga tinha esse desejo, se casar com um pastor e poder vivenciar essa forte experiência de fé. Quando uma mulher desse grupo de amigas se casou, parece que foi puxando um leque de outras amigas se casando também com um pastor, mudando de cidade, mudando toda sua forma de viver. Consigo citar inúmeros casos de mulheres que conheço que vivenciaram isso pois eu estava fortemente ligada a rede de contato delas, mas os casos em que quis selecionar, é possível ter toda essa noção do que motiva essas mulheres. Ester ainda não se casou, mas ainda continua compartilhando o estilo de vida e exercendo sua religiosidade da IURD.

A terceira mulher que será apresentada nas narrativas é Gabriela. Mais uma mulher pertencente a este grupo de amigas que convivi. Gabriela tem atualmente 32 anos, entrou na igreja junto com minha irmã, aos 17 anos, já que desde a infância sempre foram muito amigas então entraram na igreja juntas. Motivada também por essa parceria, Gabriela logo se tornou obreira e ativa nos acontecimentos da igreja. A prioridade de sua rotina era ir à igreja todos os dias, participar dos cultos, demonstrar ao máximo sua fé diante Deus. Segundo Gabriela, a igreja a ajudou a reestabelecer sua autoconfiança, e também a estabelecer grandes laços de amizade que se estendeu por vários anos. Esses laços construídos e o sentimento de pertencimento a um grupo social a motivou a reestabelecer essa confiança perdida e a fortalecer o seu pertencimento religioso.

Gabriela foi obreira por muitos anos, mas há 3 anos conheceu seu marido pela internet, um pastor que frequentava uma igreja na cidade onde morava Porto Velho/RO. Seu marido, não era responsável ainda por uma igreja, já que não era casado, mas logo após o casamento ambos foram tomar conta de uma IURD no estado do Rio Grande do Norte. Gabriela abriu mão de toda sua vida também, assim como Maria, abriu mão do trabalho que já estava bem estabelecida, deixou para trás os familiares para se mudar a mais de dois mil quilômetros de

distância, abriu mão de toda a rede de sociabilidade que havia construído na sua cidade natal Ituiutaba/MG, para *fazer a obra de Deus*. Sua experiência, demonstrou ser bem radical do que está presente nas outras narrativas, no sentido da distância geográfica e também na diferença cultural que começou a vivenciar.

Como se pode perceber, entre essa rede de sociabilidade entre as mulheres da igreja se constrói um ideal a ser alcançado por elas, que é justamente o de provar a sua fé verdadeira, abdicando-se de determinados aspectos de suas subjetividades e incorporando outros, subjetividades essas que serão novamente moldadas tendo como referência um padrão ideal pregado e difundido pela IURD. Como foi construído essa nova subjetividade? Como essas mulheres resolveram fazer parte da igreja? Como essas mulheres se enxergam em relação a esse discurso pregado? Tentarei expor minhas análises sobre essa questão mais adiante.

2.3-Ethos familiar e Ethos privado

Conheci Maria, a primeira entrevistada através da minha irmã, que assim como ela, frequenta a Igreja Universal do Reino de Deus em Ituiutaba/MG há mais de dez anos. Maria está casada há pouco mais de um ano com um pastor que também é da igreja. Juntos, cuidam de uma sede de uma Igreja Universal do Reino de Deus, onde seu marido é o pastor principal da Igreja e ela, como esposa desse pastor, se estabelece também uma hierarquia dentro da Igreja. O seu marido é o líder principal da Igreja, e ela ocupa a segunda posição dessa relação. Atualmente, ela se mudou para Barbacena/MG, que está localizado a uma distância de aproximadamente 800 km de Ituiutaba, onde mora toda a sua família. Está na Igreja Universal há mais de 16 anos. Entrou na Igreja aos 14 anos, aos 16 foi batizada nas águas pelo Espírito Santo e ficou sendo obreira na Igreja Universal em Ituiutaba durante 12 anos antes de se casar. Em diálogo, ela fala sobre o seu desejo em se tornar obreira nessa Igreja:

Teve um dia, que eu não me lembro qual dia da semana foi. Que eu vi uma obreira e vi a dedicação dela, então eu vi o cuidado que ela tinha em servir, em atender o povo em auxiliar, no caso ali, o pastor. E o pastor pregando e a obreira paradinha ali no canto da parede, aí pensei “um dia eu vou ser essa obreira”. A partir desse dia eu decidi me batizar nas águas, eu falei assim: eu quero ser como aquela obreira, eu quero servir a Deus como obreira, então fui em busca disso, a buscar perseverar, a fazer os propósitos, a participar dos projetos, eu fui buscando... Aí teve uma obreira na época, eu já tinha me batizado já, uma obreira sempre me chamava pra participar das aulas pra ser obreira, e era meu maior desejo mas eu falava que não estava preparada. Aí um dia eu comentei com minha mãe e ela disse “você não está preparada.” Aí eu tomei aquela palavra pra mim, de que não estava preparada.

A obreira disse pra mim: a gente nunca está preparada, é Deus que capacita, então se você tem um desejo, por mais que não esteja preparada hoje você vai lutar e vai se preparar e vai ir se desenvolvendo. Eu peguei e disse: “poxa era isso que eu precisava ouvir.” Então peguei aquela palavra positiva e deixei de lado o que minha mãe me disse, e pensei que é Deus que capacita. Aí no domingo seguinte já disse

que queria participar das aulas, aí fui morrendo de vergonha, mas enfrentei meu medo e minha vergonha que até então estavam me limitando. A timidez existia, mas eu não podia deixar ela me limitar. Mas no outro domingo acordei bem cedinho e nem minha mãe foi comigo esse dia mas eu fui.

Em 2005 fui batizada, com 16 pra 17 anos, logo quis ser obreira. Antigamente se chamava Aula de Candidatos a Obreiro. Hoje chama curso preparatório para obreiros, mas é tudo a mesma coisa. Que é o processo que ali a gente tem meditação, ali a gente aprende mais o que está na bíblia, na palavra de Deus, como deve ser o comportamento de obreiro, que deve ser um comportamento que não tenha que se envergonha, porque o obreiro faz um trabalho voluntário, então se ele quer ser obreiro ele quer por livre espontânea vontade. Não é obrigado. Logicamente que é um chamado de Deus, porque na bíblia: “muitos são chamados mas poucos são escolhidos”. Então é isso. São aulas preparatórias, ou seja, pra de fato mostrar pra pessoa se ela vai querer mesmo ser obreira, porque ela vai cuidar das pessoas, como um trabalho voluntario ela vai cuidar, auxiliar o pastor. Então é isso, se a pessoa ver que é isso mesmo que ela quer então ela vai permanecer, ela vai continuar

Maria, que chegou a frequentar uma Igreja Católica quando criança, nunca tinha escutado falar sobre a Igreja Universal. Buscando entender como se deu essa mudança religiosa de Maria, que partiu de um universo católico para um universo evangélico, perguntei como era sua relação com a Igreja Católica quando ela frequentava. Maria respondeu:

Quando estudava na infância, na fazenda, tinha uma escola que tinha uma capela, então eu ia porque falavam que as salas tinham que ir, aí eu tinha um terço e nem sabia pra que servia o terço, eu tomava hóstia mas nem sabia pra que era. Não sabia de nada, participava assim só porque o professor falou que tinha que ir, só isso. Eu lembro que eu comecei a ir com 10 anos na igreja A Palavra de Cristo no Brasil, aí depois quando eu tinha 14 anos eu mudei pra Uberaba, aí como lá não tinha essa igreja que minha mãe frequentava ai ela começou a ir na Universal porque minha avó ia.

É interessante analisar essa questão de como Maria se inseriu no campo religioso. Quando ela diz que não sabia o porquê tinha que ir à Igreja Católica e o motivo dela ter um terço, demonstra-se que existiu uma falta de identificação com esses elementos simbólicos. É importante destacar que, mesmo ela ter estudado em uma escola com valores morais católicos, dentro de seu ambiente familiar, a sua mãe já frequentava uma Igreja Evangélica, A Palavra de Cristo no Brasil, que tinha significados dos elementos simbólicos diferentes dos que provinha da Igreja Católica. O fato de Maria não saber pra que servia o seu terço demonstra que, mesmo tendo uma segunda socialização católica dentro da escola, os valores e significados de elementos simbólicos que ela possui, advém de um contexto familiar que difunde valores evangélicos.

Sendo assim, de acordo com Duarte (2006), quando este diz que a disposição que o indivíduo tem em aderir a uma opção religiosa depende do direcionamento de seus *ethos privado*, pode-se constatar que a mãe teve grande participação em condicionar a disposição pela qual Maria teria em adesão a um *ethos religioso* evangélico, já que até a presente pesquisa, continua praticante do neopentecostalismo da Igreja Universal do Reino de Deus. E assim como Maria, sua mãe também foi influenciada por um *ethos religioso* evangélico que provinha de sua avó. Há então uma rede de difusão de valores que demonstra se reproduzir entre as mulheres dessa família, a necessidade em aderir opção confessional evangélica.

No caso de Ester e Gabriela por exemplo, ambos tiveram contexto religioso familiar onde os pais não praticavam uma religiosidade específica. Ambas relataram ter vivenciado um contexto plural, onde se observava alguns signos simbólicos do catolicismo, porém nada que demonstrasse a rigidez e a obrigação em se destinar a tal religiosidade. Neste sentido, a influência para essa religiosidade foi maior na sua infância, onde foram batizadas na Igreja Católica e participaram por muito tempo dessa religiosidade no encontro com outros jovens. Ester conheceu a IURD primeiro, logo depois levou Gabriela e ambas começaram a frequentar a igreja juntas na mesma época. É interessante a análise de Machado (2006), quando através de uma pesquisa estatística sobre a influência do pertencimento religioso, destaca a diferença da adesão entre homens e mulheres. Machado sublinha:

Entre os fatores que mais influenciaram a escolha religiosa, encontra-se na família, os motivos pessoais e os amigos. [...] A família, contudo, parece exercer maior influência sobre os entrevistados do sexo feminino. Enquanto entre as mulheres metade dos registros indica a família como fonte de motivação para a adesão religiosa, o percentual de homens que mencionaram essa influência foi inferior ao das mulheres. (2006, p.95)

Achei importante destacar esta passagem, já que em momento algum nenhuma das entrevistadas falou na conversa sobre uma influência masculina em relação ao direcionamento de sua religiosidade. Há um momento entre as conversas por exemplo, em que Maria cita sobre a relação das figuras masculinas de sua família, seu pai e seu irmão, com a igreja, quando ela diz:

Meu pai não ia, meu irmão ia mas só pra acompanhar também. Mas depois que mudamos pra Ituiutaba meu irmão não quis ir mais, aí eu ia com ela só pra acompanhar mesmo, porque meu pai falava que não era pra ela ir sozinha pra igreja, aí eu ia pra acompanhar. Aí eu fiquei nisso quase 3 anos, indo só pra acompanhar mesmo.

Quando ela diz que ia na igreja apenas para acompanhar a mãe, percebe-se a tentativa de direcionamento de seu *ethos privado* em relação à religião por parte da mãe. Ao falar que o irmão deixou de ir à Igreja e que ela só ia para acompanhar sua mãe porque seu pai não queria que ela fosse sozinha, percebe-se duas coisas:

1) Existe uma diferenciação na socialização entre o menino e menina nesta família. Isso é reforçado por uma estrutura que cria uma distinção entre as experiências sociais entre homens e mulheres nessa sociedade, colocando sempre os meninos em situações privilegiadas em relação às mulheres. Rubin Gayle (2012) reforça isso quando, ao citar as perspectivas de estudo de Freud e Levi-Strauss em relação a essa estrutura de opressão, ela fala que “no mapa da realidade social, há uma profunda consciência do lugar ocupado pela sexualidade na sociedade, e das profundas diferenças entre a experiência social de homens e mulheres.” Isso explica o fato do irmão ter tido a oportunidade de escolher não querer mais frequentar a Igreja, mesmo que só pra acompanhar, assim como Maria fazia. Já Maria, não teve outra escolha, teve que continuar acompanhando a mãe nas reuniões da Igreja pois seu pai não queria a mãe fosse sozinha. No caso de Ester, por exemplo, mesmo quando tentava realizar práticas de proselitismo em seu ambiente familiar, as mensagens nunca afetavam as figuras masculinas da sua casa – seu pai e seu irmão, no sentido de influenciá-los a obter um pertencimento e um maior comprometimento com o religioso.

2) O fato do pai de Maria não querer que sua mãe frequentasse sozinha a Igreja demonstra que existe uma tentativa de controle por parte da figura masculina em relação à mulher. Se Maria não acompanhasse sua mãe, esta provavelmente não poderia ir à Igreja sozinha pois não teria a permissão do marido, nesse sentido, Maria teria que acompanhar sua mãe para que ela conseguisse o aval para poder sair de casa. Tudo isso demonstra a característica dessa estrutura hegemônica de opressão e controle em relação à mulher.

Machado (2005) diz que “A tendência de interiorização ou subjetivação das escolhas religiosas está estreitamente relacionada ao longo processo de individuação dos atores sociais nas sociedades modernas e pós-modernas”. A autora ainda complementa este pensamento ao dizer que: “A perspectiva de gênero me leva a acrescentar que a opção de ingressar nesse movimento religioso resulta de experiências bastante diferenciadas dos homens e das mulheres e pode produzir modificações nas relações de gênero.” (p.388). Segundo a historiadora Joan Scott, quando levanta um estudo acerca do gênero como categoria de

análise, a palavra gênero começou a ser usada entre as feministas num sentido literal, como maneira de se referir à organização social da relação entre os sexos. A autora diz:

Na sua utilização mais recente, o termo “gênero” parece ter feito sua aparição inicial entre as feministas americanas, que queriam enfatizar o caráter fundamentalmente social das distinções baseadas no sexo. A palavra indicava uma rejeição do determinismo biológico implícito no uso de termos como “sexo” ou “diferença sexual”. O termo “gênero” enfatizava igualmente o aspecto relacional das definições normativas da feminilidade. (p.72)

Sendo assim, é interessante analisar de que forma acontece em algumas famílias, o processo pelo qual faz com que a mulher tenha maior proximidade com a religiosidade do que os homens pertencentes à mesma família. Esse processo, cria na mulher uma maior disposição em relação à religiosidade pois faz um direcionamento do seu *ethos* privado. Machado (2005), neste sentido, diz que, no âmbito neopentecostal pode-se perceber um protagonismo feminino incipiente em termos de decisão e direção.

A maior disposição que as mulheres encontram em se direcionar para a religiosidade na sociedade atual, se encontra no momento em que o pertencer a uma igreja vai reforçar uma autoestima perdida com a cultura individualista, onde a mulher vai reencontrar uma autonomia que te faz seguir em busca de tentar conquistar o espaço extradoméstico. Maria levantou um ponto interessante para analisar essa questão da adesão religiosa a partir do gênero. Ao tentar entender como ela se sentia em relação à Igreja e o que a fez continuar, ela disse:

A igreja me ajudou muito a trabalhar nesse sentido da timidez. Na época tinha muito tempo que eu tinha mudado da fazenda, então no começo eu era meio roceira, muito tímida. Então conforme foi passando, eu fui querendo mais fazer parte da obra em si, foi aí que comecei a participar do grupo de jovens, então isso foi sim fazer eu trabalhar a questão da timidez, então fui melhorando nesse quesito, fui desenvolvendo aos pouquinhos. Algumas coisas ainda eu ficava receosa mas eu queria muito aprender mais, me envolver mais, só que muitas vezes essa timidez que influenciou muito, porque desde criança eu não convivi muito com as pessoas, como eu morava na fazenda era minha mãe, meu pai e meu irmão. No máximo socializava na escola mas não tinha outros contatos. Então acho que isso que influenciou minha timidez, morei na fazenda até os 10 anos de idade e depois fui pra cidade, que foi quando minha mãe começou a frequentar essa igreja.

Então aquilo que era pregado foi como se tivesse tirando um fardo de mim, tirando um conflito que existia dentro de mim, medos, receios né. Que isso eu fui trabalhando durante o tempo, então eu queria ser e queria ter a transformação que Deus estava fazendo na vida das pessoas sabe, eu queria aquilo também. Então eu entendi que se eu buscasse, se eu fosse atrás eu poderia ter o mesmo que elas. Que não era só ouvir, mas teria que obedecer e colocar em prática tudo que foi ensinado.”

Neste sentido, segundo Machado (2005, p.390), “O pertencimento a uma igreja que reforça a autoestima, enfatiza o presente e estimula a busca da prosperidade certamente ajuda na superação dos constrangimentos da cultura tradicional, favorecendo a participação da mulher na esfera econômica.” Ainda mais quando se analisa na Igreja Universal, por exemplo, a questão da Teologia da Prosperidade, as lideranças estimulam os fiéis ao mercado

de trabalho, o que faz aumentar no indivíduo a responsabilidade em estabelecer uma autonomia individual.

Perguntei à Maria, sobre as responsabilidades dos obreiros dentro da IURD, ela me conta sobre o processo de evangelização, que é o momento em que eles realizam o proselitismo através de visitas em algumas instituições e outros bairros distante da sede principal da igreja. Ao perguntar se existem responsabilidades diferentes entre os homens e mulheres, Maria diz:

As responsabilidades entre obreiro e obreira é tudo a mesma coisa. Tanto a obreira quanto o obreiro pode evangelizar. Tem alguns grupos que as vezes o obreiro não pode, no caso a escolinha que tem que ser sempre mulheres pra ficar com as crianças né. Nos adolescentes o ideal é que sejam casados né, um casal. Ou senão pode ser uma obreira, não tem problema. O resto é tudo a mesma coisa, a evangelização né, nos hospitais.

É interessante neste sentido analisar que, por mais que algumas responsabilidades entre obreiros e obreiras sejam parecidas, a mulher acaba sempre sendo destinada à questão do cuidado das crianças, o que remete a uma concepção que demonstra ser tradicionalmente herdada. A Escola Bíblica Infantil – E.B.I – é onde as crianças aprendem sobre todos os valores cristãos e moralidades baseadas na perspectiva da IURD. É como um ambiente escolar, dividido por salas e por idades. As obreiras são as “tias” e são elas as únicas responsáveis para atuar neste papel. Me lembro que, quando minha irmã entrou na igreja sempre me levava. Eu não entendia muito sobre o que era a religião ou a Igreja Universal, mas gostava das amizades que fazia. Me lembro que as crianças tinham que ir obrigatoriamente para a E.B.I, não podiam participar do culto ou dos rituais que eram feitos no salão principal.

Certa vez me lembro que quando pedi para ir ao banheiro, passei por uma escada onde podia ver de cima todo o salão da igreja. Lembro-me como se fosse ontem, era o dia da “Sessão do Descarrego”. Este é o ritual de libertação em que os pastores fazem orações fortes, com muita entonação como se fosse uma representação teatral e que tem o objetivo de livrar o mal daqueles fiéis. Chega a apresentar toda uma tensão que alguns que passam perto e não conhecem daquele ritual se assustam.

Enquanto o pastor fazia a oração, ele incentivava a todos a pensar nos seus infortúnios da vida. Entre esses infortúnios o pastor citava sobre problemas financeiros, com bebidas, amores, de saúde, família. Todos estes males e problemas nessas áreas são provenientes do diabo. A libertação atua neste sentido para a retirada dos males. Neste dia, me lembro que ao ver todo este ritual e a emoção dos fiéis, todos orando em alto tom de voz, falando sobre os seus sofrimentos e alguns até chorando. Percebi que, algumas pessoas que ficavam meio quietas, os pastores e as obreiras iam fazer orações para essas pessoas. Somente os pastores e as obreiras possuem a capacidade de tirar o demônio do corpo de alguém. Neste sentido,

ambos chegam nos fiéis mais aquietados e colocam suas mãos sobre a cabeça desses fiéis e começa a fazer uma oração. Neste momento, percebi que ocorre uma emoção muito forte no ambiente, devido a toda a entonação do pastor, a maneira de falar, os louvores ao fundo. Devido a isso, ocorre um momento de possessão. A força maligna se manifesta.

Com 8 anos de idade quando vi aquilo, me lembro que fiquei um pouco assustada, até com medo. Pessoas gritando alto, alterando seu tom de voz, se contorcendo, pastores e obreiras segurando forte pela cabeça e continuando fazendo orações. Neste momento, o diabo se manifesta e fala qual a entidade e o que está causando na vida da pessoa. Na Igreja Universal, o pastor principal costuma pegar essas pessoas que estão em estado possessão e entrevistá-los com o microfone, para que todos vejam e escutem o mal saindo da vida da pessoa. Confesso que a partir daí, sempre tive medo daquilo acontecer comigo, pensava ser algo ruim e quando fui tendo mais idade e pude finalmente descer para o salão e participar dos cultos e rituais, sempre tive medo de que obreiras e obreiros ou pastores fizessem uma oração em mim.

Atualmente, depois de tantas vivências e leituras, finalmente pude perceber o motivo pelo qual senti isso quando comecei a frequentar a IURD. Vim de um ambiente familiar em que minha mãe e meu pai não foram praticantes de nenhuma religião. Como antigamente viajavam muito e sempre moravam em cidades diferentes, nunca foram praticantes de nenhuma. É claro que, não se pode desconsiderar que o fato de que a sociedade em que viveram suas experiências sociais possuía um valor católico muito maior do que atualmente se vê, com essa questão do surgimento de novas religiosidades na atualidade. Neste sentido, tudo isso também contribuiu para que eu também possuísse um pouco dessa moral religiosa, já que no meu ambiente familiar bem na infância, possuía alguns símbolos católicos como uma bíblia, quadros da imagem de Jesus, terços, e vários santos em esculturas pequenas. Fui criada naquele ambiente e aqueles símbolos fizeram parte da minha realidade.

Sinto que com 8 anos de idade, ao ver aquela cena que fiquei assustada ao ter medo de passar por aquilo. A explicação, se baseia em uma outra experiência que vivenciei. Certa vez, um tempo antes da minha irmã se inserir à IURD, ela conheceu através de amigas da época, um Terreiro de Candomblé perto de onde morávamos. Ela chegou a frequentar por alguns dias, mas minha mãe acabou descobrindo e foi ao terreiro tirá-la a força e quando chegou em casa acabou sendo insultada furiosamente por minha mãe. Geralmente as referências negativas sobre as religiões de matriz africanas são difundidas socialmente de modo geral. Desse modo, a intolerância se concretiza e passa a influenciar esse tipo de pensamento.

Como já mencionado ao longo dessa pesquisa, ocorre um trânsito das entidades em que a IURD faz uma inversão de significados e continuidades nas práticas ritualísticas provenientes dessas religiosidades. Sendo assim, toda a intolerância proveniente da minha

mãe por parte da religiosidade escolhida por minha irmã, no caso primeiro o Candomblé, influenciou o direcionamento do *ethos religioso* da minha irmã. Logo depois da intolerância religiosa sofrida, por acreditar na concepção de que em já ter frequentado o terreiro ainda possuía consigo aquelas entidades consideradas pela IURD como os males, ocorreu dessa forma esse trânsito de entidades mencionados, onde ela desde então passou a estabelecer em si uma religiosidade e um *ethos* neopentecostal, passando por todo o processo de conversão.

Foi importante ressaltar toda essa experiência social própria, pelo fato de mostrar a motivação para essa pesquisa. Há tantos caminhos e focos de pesquisas para seguir com todas as experiências e leituras feitas que, há várias possibilidades em se pesquisar o meio neopentecostal e principalmente dentro da Igreja Universal. No caso em específico dessa pesquisa, o objetivo além de entender como a religião atua na vida de um indivíduo em sociedade com valores as vezes distintos à sua moralidade, entender também como a mulher neste meio é traduzida. Como ela vê e se enxerga em todo esse processo de mudança subjetiva perante uma hierarquia de gênero que é tradicionalmente imposta tanto na sociedade como dentro da igreja.

CAPÍTULO III

Gênero como categoria de análise

A Igreja Universal do Reino de Deus, sempre buscou produzir discursos pedagógicos que orientassem certo aspecto da vida de seus fiéis a partir de sua teologia. Exemplo disso, são os “projetos disciplinares para casamentos e relacionamentos como um todo” (TEIXEIRA, 2012, p.120). Além disso, há também uma forma específica em lidar com a questão familiar, onde é necessário haver um equilíbrio para a busca pela obtenção de felicidade, característica do hedonismo presente na Teologia da Prosperidade. Neste sentido, existe também discursos de teor pedagógicos voltados para a questão do gênero, ao qual “visa domesticar as impulsividades emocionais do homem e principalmente da mulher, nas dinâmicas intrincadas do relacionamento amorosos” (ALTIVO, 2016, p.176).

Atualmente existem projetos voltados especificamente para o público feminino e masculino, sendo assim, existem práticas de performatividade que normalmente são direcionadas a um gênero específico. Essas práticas se constituem a partir de um discurso que é pregado pela IURD. Segundo os estudos de gênero, considerando este como um conceito relacional, o social é construído no e através do discurso. O discurso é imagem, é

texto, tudo é discurso, pois o discurso é um efeito da significação, um efeito de uma nomeação, uma realidade material, um significado.

Neste sentido, analisando a linguagem discursada não somente com os atos pregados dentro da igreja, mas também através de práticas de proibição a comportamentos, e designação de responsabilidades atribuídas ao gênero, pode-se entender como se dá a relação de gênero dentro da igreja e de que forma isso influencia na manutenção do discurso conservador fortemente atrelado à desigualdade de gênero na sociedade atual.

O projeto Godllywood, por exemplo, é um projeto que é voltado para o público feminino. O projeto, segundo uma de suas idealizadoras Cristiano Cardoso, filha do Bispo Edir Macedo, tem o objetivo de incentivar as mulheres a se valorizar e superar traumas passados. A seguir, se encontram dois trechos retirados do site oficial do projeto Godllywood da Universal. O primeiro trecho, procura explicar o que é o projeto e qual o seu objetivo:

1- Godllywood nasceu de uma revolta sobre os valores errados que a nossa sociedade tem adquirido através de Hollywood. Nesse trabalho nosso principal objetivo é o de levar as jovens a se tornarem mulheres exemplares e se tornarem avessas às influências e imposições Hollywoodianas. Elas desenvolvem laços familiares que tem se perdido nos últimos anos.. (Universal.org)

Neste caso há um questionamento que deve ser levado em consideração. De acordo com Abreu (2017):

Pretende-se, desse modo, aumentar o engajamento de seus “colaboradores”, e fazer deles uma via de propagação dos preceitos da Igreja, seja via rede social e/ou em sua ação cotidiana, e assim, conseqüentemente, amplia as tecnologias de controle da Igreja, pois ao determinar uma tarefa, como veremos, pode acompanhar, a partir dos registros feitos pelos próprios fiéis, se de fato a recomendação está sendo seguida e, principalmente, se está tendo eficácia.

É interessante analisar que, neste sentido a IURD construiu uma forma de ser “a Universal”, que é frequentemente referenciado como veículo de propaganda dos meios de comunicação da Record. Um tipo ideal para mulher fiel com essas práticas religiosas e também para os homens. Mas a questão que aqui se coloca é, que tipo de mulher pretende se formar? Qual deve ser o comportamento dessa mulher para que ela possa retomar todos os valores morais e familiares que tem se perdido nos últimos anos? É algo a se pensar já que a referência proposital “Hollywoodiana”, se dá num contexto que atualmente as representações de gênero e a própria concepção do que é família tem se alterado nos últimos anos. E isso é retratado através de um discurso presente nos filmes, principalmente norte-americanos. No segundo trecho, podemos ter um exemplo mais concreto do tipo de mulher que se pretende formar.

O trecho a seguir, faz parte do código do juramento onde todas as novas membros que desejam participar do grupo Godllywood tem que prometer em voz alta na frente do restante

do grupo. É interessante analisá-los agora, para melhor concepção do modelo ideal de fiel, em específico as mulheres:

- 2- Eu prometo ser discreta no meu falar, no meu comportamento, e na minha aparência.
Eu prometo ser um exemplo positivo em minha casa, igreja, e onde estiver.

Eu prometo olhar o lado bom das pessoas.
Eu prometo ser corajosa e humilde para aceitar a correção e fazer as mudanças necessárias para construir uma fé sólida em Deus.
(Universal.org)

É importante analisar então, como esse discurso é produzido e atribuído as práticas entre as mulheres de várias idades, sendo que há também projeto no mesmo sentido voltado para o público de menor idade, de 6 a 14 anos. Analisar esses discursos e práticas, nos possibilita ter uma melhor noção de como é construído esse tipo ideal de mulher em torno de uma religiosidade neopentecostal, em específico da religiosidade da Igreja Universal do Reino de Deus. Sobre esses discursos que de certa forma condicionam certas práticas entre os indivíduos, é interessante analisar como acontece a difusão desses valores iurdianos entre jovens e adultos. Em diálogo com Ester, ela conta como ajudou os jovens que conhecia na igreja com a forma deles lidarem com questões do cotidiano. Ester diz:

Eu vejo assim que atualmente a igreja tem desenvolvido excelentes trabalhos pras mulheres sabe e em todas as faixas etárias. Eu mesmo fiz um ano o “papo de meninas” com adolescentes. Na época chamava TF TEEN hoje FJU, cada trabalho é desenvolvido de uma forma com a linguagem adequada para cada idade, o “papo de meninas” era uma conversa informal que abordava vários assuntos, como sexo, drogas, atualidades, no qual estes assuntos era como um fio condutor, pra chegar em questões inerentes às próprias adolescentes e por fim uma forma fazer elas olharem pra si próprio e se autovalorizar.

Percebe-se neste sentido que há uma tentativa de solidariedade com o próximo mas que na verdade pode condicionar certas práticas do cotidiano. Entende-se por exemplo que esses assuntos são abordados num contexto um pouco mais conservador, principalmente em relação a questão da sexualidade, onde a sexualidade feminina sempre é abordada como um tabu, sendo que elas só podem se praticar a própria sexualidade após firmar um compromisso com um homem.

Analisando a reconfiguração das subjetividades femininas e masculinas ao longo dos anos, Maria das Dores Campos Machado (2005) analisou a questão das representações e relações de gênero nos grupos pentecostais, em seus estudos ela diz:

(...) as principais características identificadas pelos estudiosos desses grupos até meados dos anos 1980 estavam: a rigidez moral, o apoliticismo, a

opressão feminina e o apartamento da cultura brasileira, expresso, entre outras coisas, na severa condenação ao futebol e ao carnaval (MACHADO, 2005, p. 388).

Quando paramos pra analisar este código do juramento dos membros do grupo Godllywood, quando este se refere ao modo ideal de mulher, se direcionando especificamente pra um tipo ideal de mulher discreta, no modo de falar, no comportamento e na aparência, logo nos desperta a personalidade de uma mulher que sempre deve se conter em relação às suas emoções. Neste sentido, segundo Abreu (2017, p.37) “Pretende-se assim formar ‘mulheres de Deus exemplares’, ou seja, busca prescrever como as mulheres devem ser (como se vestir, como falar, como se comportar, como trabalhar) para supostamente agradar a Deus.”

Nesse projeto Godllywood, o que ajuda a reforçar toda esse ideal de mulher são as tarefas que essas mulheres tem que passar cotidianamente. Essas tarefas são passadas pela idealizadora do projeto Cristiane Cardoso, ao qual condiciona como deve ser toda a rotina das mulheres pertencentes ao grupo. É claro que, não são muitas mulheres que fazem todo o juramento e decidem aderir fortemente ao grupo, porém, pude participar em Ituiutaba/MG de uma das reuniões trimestrais do Godllywood feito pela própria Cristiane Cardoso, reunião que foi transmitida ao vivo e passada ao mesmo tempo em todas as IURD. Nessa reunião o que me atentou foi o fato da dimensão que aquele discurso atinge.

Havia tantas mulheres tanto na igreja em que eu estava como também onde a própria Cristiane Cardoso estava, que me despertou a atenção. Nesse culto, todo o discurso foi voltado para a questão da mulher, sua feminilidade, sua superação de traumas, autoconfiança, vários discursos motivadores. Além desses discursos pregados, há também o discurso transmitido através de “tarefas como oferta”, em que as mulheres devem cumprir certas tarefas do cotidiano. Segundo Abreu (2017):

As “tarefas como oferta” semanais são pré-determinadas por Cristiane Cardoso em seu blog oficial. São variados os afazeres, por exemplo: como as mulheres devem cuidar da alimentação para manterem um corpo dentro dos padrões de beleza, como devem se vestir com feminilidade sem parecer vulgar; como cuidar do lar e da família, saber controlar as finanças. Além de realizar as tarefas no espaço doméstico, incentiva-se a divulgação dos resultados nas redes sociais (facebook, twitter, instagram), apresentando o cumprimento do desafio das “tarefas com ofertas”, que funcionam do mesmo modo que a oferta em dinheiro, ou seja, as bênçãos virão a partir da ação do fiel, mas uma não substitui a outra.

Analisando a perspectiva dessas mulheres, no caso de Ester por exemplo, quando vai se referir ao que o projeto Godllywood, ela diz:

Hoje em dia a mulher tem mais espaço nos trabalhos sociais da IURD, como grupos de empoderamento, e autovalorização, bem como grupo de mulheres que já sofreram, abusos em todos sentidos. Ou seja, vejo que a IURD tem investido em um trabalho especial para as mulheres, onde as que são obreiras além de serem ajudada também podem ajudar.

Para além do projeto Godllywood, tem que se observar também o cotidiano dessas mulheres entrevistadas. De que forma todos esses discursos influenciaram em suas práticas e performatividades de gênero. Como já havia falado, Maria é esposa de pastor, é conhecida na igreja como a “Dona” Maria. A “Dona” dentro da igreja, tem que ser muito bem respeitada perante as obreiras, tudo o que ela pedir deve ser feito. Muitas vezes quando criança, sempre escutei minha irmã e suas amigas comentarem sobre a tal da “Dona”. Mas o que a “Dona” faz? Além de responsabilizar-se pela organização de algumas atividades e projetos da igreja, geralmente voltado para as mulheres e crianças, ela é a principal base de apoio ao seu marido. Desde a responsável pela manutenção da vida do marido em termos concretos como a manutenção de serviços domésticos mas como também em termos espirituais.

Ester e Maria, por serem esposas de pastor e cuidarem de uma igreja, compartilham praticamente a mesma rotina do cuidado com o marido e com a casa. Em conversa com Maria sobre como trabalha toda essa dedicação com seu marido, Maria disse:

Ah, eu preciso cuidar, pra não ficar tudo bagunçado quando ele chegar em casa. Porque senão ele vai ter que lidar com um ambiente todo desorganizado? Então tem que fazer, fazer a comida, cuidar das roupas pra ele ir né, pra ele ir pra igreja, porque senão ele pode ficar desestruturado e desequilibrado espiritualmente e ele deve sempre estar em boa harmonia e sem nenhum tipo de preocupação para que isso não o afete pregando a palavra de Deus no altar, porque essa é a vontade do senhor, estamos ali pela vontade do senhor.

Ao mesmo tempo que a igreja incentiva e cria uma autoconfiança na mulher para essas mulheres, ao mesmo tempo ela produz uma forma identitária do papel da mulher. Analisando por exemplo, o discurso pregado pelo líder principal Edir Macedo em um vídeo discursando para toda a igreja sobre a questão da educação entre homens e mulheres. No vídeo, o bispo conta que quando se mudou para os EUA disse para as duas filhas que ambas não fariam faculdade, somente o ensino médio. O bispo explica que você se formar numa determinada profissão você vai servir a si mesmo, você vai trabalhar pra si. Mas ele não quer isso, ele diz que as filhas vieram para servir a Deus, ele quer ver as filhas servir a Deus. Até o casamento delas, fariam somente o ensino médio. Logo depois, o bispo utiliza Cristiane Cardoso como um exemplo de situação para demonstrar um equilíbrio e o que é a vontade de Deus.

Edir Macedo diz que, na sua visão, se a filha fosse doutora e tivesse um grau de conhecimento elevado e encontrasse um rapaz que tivesse um grau de conhecimento baixo, ele não seria o cabeça da relação e sim ela seria. E se ela fosse a cabeça da relação isso não serviria pra vontade de Deus. O homem que deve ser cabeça pois se ele não for o cabeça o

casamento estará fardado ao fracasso. Edir Macedo ainda critica que atualmente se vê alguns movimentos de mulheres que reforçam a ideia de que as mulheres não devem se sujeitar ao homem, logo depois o bispo ressalta: *“Se não ficar sujeita ao homem então vai ficar sujeita a infelicidade. Porque não existe família, não existe casamento, não existe felicidade com a mulher cabeça e o homem corpo.”*

Analisando esse discurso e todo o contexto construído por trás, é importante observar por exemplo o ideal de família que Edir Macedo prega. E junto com isso vem o papel da mulher. Em diálogo com Maria quando perguntei sobre o lugar da mulher dentro da igreja e sobre a questão do pastorado feminino, Maria diz:

Hoje tem tanta coisa assim, tantos projetos que as mulheres tomam conta, igual por exemplo o dia de mães né, o Godllywood em si e o projetos voltados pra mulher, então né, ou seja, é... eu não vejo isso como um universo feminino assim, uma responsabilidade feminina assim pregando com o pastor. Porque ali cuidando desses projetos, eu to falando Godllywood então ali é como se ela fosse uma pastora ali. Ali é como se fosse uma igreja pra ela. Igual na escolinha a gente costuma dizer que a escolinha é uma igreja dentro da igreja, então ali eu sempre aprendi assim que a gente ali na escolinha deve ser como um pastor pra aquela criança, porque ali a gente ta levando Jesus pra ela né. Ou seja, então não precisa tá no altar como um pastor pregando, porque através desses projetos a gente tá pregando também, como o pastor tá no altar.

Neste sentido, de acordo com Abreu (2017):

[...] a IURD constrói discursos de verdade, e produz uma certa formação identitária que é oportuna, pois admite a modernização da sociedade, de modo que as mulheres podem, hoje, ocupar espaços para além do ambiente doméstico, mas, ao mesmo tempo, defende que é dever e tarefa da mulher, também, ser o centro de sua família para mantê-la em ordem, de forma que as relações binárias de gênero continuem muito bem estabelecidas, reafirmando qual seria a representação correta do feminino.

Nessa perspectiva observa-se que o gênero dentro da igreja, é uma questão que está sempre incutida em todos os discursos da igreja. A trajetória dessas mulheres explica um pouco como isso é concretizado e reforçados pelos hábitos do cotidiano. A grande dimensão que esses valores estão alcançando ultimamente com o crescimento da IURD nos coloca a pensar de que forma esse tipo de prática vai ser rompida e passar questionada dentro da igreja. Apesar da transformação que essas mulheres narram que aconteceram em suas vidas através da religião, de que forma essa transformação vai continuar reproduzindo e perpetuando essas questões de gênero de maneira mais conservadora sabendo que é um conceito relacional de acordo com o social? As desconstruções e mudanças nas questões de gênero sempre vão

ocorrer, porém, parecem que existem certas formas de religiosidade que trabalha no sentido oposto.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Atualmente existem muitos discursos que são produzidos na sociedade que acabam orientando o ethos social e a visão de mundo dos indivíduos e esses discursos se emergem condicionados por determinados fatores. O senso comum por exemplo, é criado e reproduzido na própria sociedade. Essa forma coletiva de pensar e agir ajuda a construir a subjetividade dos indivíduos. Quando os indivíduos passam a questionar certos pensamentos e atitudes, pode ocorrer uma quebra de continuidade desses hábitos e conseqüentemente uma mudança na subjetividade do indivíduo.

A religião, é outro fator produtor de discursos que pode influenciar os indivíduos. Hoje em dia, se pensarmos nas igrejas evangélicas mais tradicionais por exemplo, quando uma mulher diz ser pertencente, logo é criado no imaginário de quem vê como mulher que usa longas saias, cabelos longos e sem muita vaidade. O pertencimento religioso as vezes acaba

por se tornar quase um estigma social sendo que muitas pessoas julgam e são intolerantes com muitas religiões, porém, é importante analisar do lado de dentro toda essa questão.

Durante este trabalho, busquei trazer uma concepção sobre como a religião pode influenciar na vida e práticas dos indivíduos. A partir da perspectiva do gênero como categoria de análise, procurei entender como são construídos e reproduzido os papéis identitários de gênero, sobretudo o gênero feminino. Para essa questão foi necessário entender qual foi a motivação por trás do pertencimento religioso dessas mulheres e de que forma elas se posicionam no mundo a partir desses valores religiosos. Hoje em dia há várias formas por onde ocorre a difusão de valores morais na sociedade, mas o que se constatou é que a família exerce grandes influências na questão do condicionamento do ethos religioso do indivíduo.

A Igreja Universal do Reino de Deus, sempre tem sido uma igreja que vem se destacando perante outras devido às suas particularidades religiosas. A capacidade de alcance proselitista que essa igreja tem, acaba se sobressaindo em relação as outras igrejas. Apesar de ainda não ser a igreja evangélica com maior número de membros, perdendo essa posição para a Assembleia de Deus, a IURD consegue expandir a sua mensagem a milhares de pessoas em pouco tempo. O objetivo foi analisar como são construídos esses discursos e como isso pode influenciar na vida dessas mulheres, na sua maneira de ser, pensar, agir e questionar certos assuntos do cotidiano. O discurso que é pregado está diretamente associado às práticas dessas mulheres, assim como também como a nova maneira de ser dessas mulheres após sua conversão.

O que se constatou é que ocorre uma reconfiguração de uma subjetividade feminina após a identificação com uma personalidade neopentecostal. O entendimento sobre os estudos de gênero atualmente, percorre um caminho no sentido de igualdade entre os gêneros. Na IURD por exemplo, o próprio líder principal expõe uma opinião que vai no sentido oposto a isso. Não há muitos questionamentos entre essas mulheres pois sua percepção sobre o próprio papel da mulher é algo construído a partir dessa perspectiva dos discursos pregados.

Por fim, enquanto cientista social e analisando toda essa questão, o discurso pregado na IURD acaba reforçando a visão conservadora sobre o papel da mulher na sociedade atual. É consenso entre os estudos que as relações e práticas sociais mudam diante de um contexto diferente, porém a IURD, trabalhando a partir de sua Teologia da Prosperidade num contexto social neoliberal que a permite resgatar “almas aflitas”, acaba modelando e reificando certos padrões comportamentais a partir do gênero. Apesar de construir certa autonomia nas mulheres, ajudando na sua superação de traumas e autovalorização, a IURD acaba limitando toda essa autonomia a partir do controle do homem. A mulher acaba sendo mais valorizada dentro de suas responsabilidades no âmbito doméstico e acaba tendo sempre uma forma certa de agir enquanto mulher neopentecostal.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ABREU, Naiara Santos. **“MAGIA” Neopentecostal e "Espírito" Neoliberal. 2017.** Monografia (Mestrado em Ciências Sociais) - Universidade Federal de Uberlândia, [S. l.], 2017.

ALMEIDA Ricardo. **A igreja universal e seus demônios.** Um estudo etnográfico. 2009

ALMEIDA, RONALDO DE; MONTEIRO, PAULA. **Trânsito religioso no Brasil.** Revista São Paulo Perspec., São Paulo, v. 15, n. 3, p. 92-100, July 2001. Disponível em: . Acesso em: 12 de Abr. 2019

ASAD, Talal. **A construção da religião como uma categoria antropológica.** Cadernos de Campo (São Paulo, 1991), v. 19, n. 19, p. 263-284, 2010.

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007.

CÔRTEZ, Mariana. **Diabo e fluoxetina: formas de gestão da diferença. Tese de Doutorado.** Campinas: Programa de Doutorado em Ciências Sociais, 2012

DURKHEIM, Emile. **As Formas Elementares da Vida Religiosa.** São Paulo: Ed. Paulinas, 1989.

GABATZ, Celso. **Idiosincrasias religiosas contemporâneas: Qual o lugar das mulheres nas igrejas neopentecostais?** Rev. Pistis Prax., Teol. Pastor., Curitiba, v. 10, n. 1, 182-198, jan./abr. 2018

GAYLE, Rubin. **O tráfico de mulheres. Notas sobre a economia política do sexo.**1975.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas.** Rio de Janeiro: LTC, 2008.

GIDDENS, A. **As Consequências da Modernidade.** São Paulo: Editora UNESP, 1991.

HALL, S. **Identidade e Diferença: a perspectiva dos estudos culturais.** (Org.) SILVA, T. T. da.; HALL, S.; WOODWARD, K. 2. ed. Vozes: Petrópolis, 2000.

Luis Fernando Dias Duarte, Maria Luiza Heilborn, Myriam Lins de Barros e Clarice Peixoto (orgs.) **Família e Religião.** Rio de Janeiro. 2006.

MACHADO, M. D. C. **Representações e relações de gênero nos grupos pentecostais.** Revista Estudos Feministas, Florianópolis, v. 13, n. 2, p. 387-396, ago. 2005.

MACHADO, M. D. C; MARIZ, C. **“Mulheres e práticas religiosas nas classes populares: uma comparação entre as igrejas pentecostais, as Comunidades Eclesiais de Base e os grupos carismáticos”.** RBCS, v. 12, n. 3, 1997.

MAFRA, Clara. **Na posse da Palavra. Religião, conversão e liberdade pessoal em dois contextos nacionais.** Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. 2002.

Maria das Dores Campos. **Religião, família e individualismo.** In: Família e Religião. DUARTE, L.F.D et al (orgs). Rio de Janeiro: Contra Capa Livraria, 2006.

MARIANO, Ricardo. **Mudanças no campo religiosos brasileiro no censo 2010.** Debates do NER, Porto Alegre, v. 14, n. 24, jul./dez, 2013. p. 119-137.

MARIANO, Ricardo. **Neopentecostais. Sociologia do novo pentecostalismo no Brasil.** 2. ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

MARX, Karl. **O capital: crítica da economia política.** Livro 1. Tradução de Reginaldo Sant’Anna – 22. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileiro, 2004.

SCOTT, Joan Wallach. **“Gênero: uma categoria útil de análise histórica”.** Educação & Realidade. Porto Alegre, vol. 20, nº 2, jul./dez. 1995

SWATOWISKI, Claudia Wolff. **Novos Cristãos em Lisboa: reconhecendo estigmas, negociando estereótipos.** Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

SWATOWISKI, Claudia Wolff. **Texto e contextos da fé: o discurso mediado de Edir Macedo.** Religião e Sociedade, 2007, vol.27, n.1, pp.114-131.

SWATOWISKI, Cláudia Wolff.; BARBOSA, Luciano. “Pentecostais em movimento por moradia: O caso da "Ocupação do Glória" em Uberlândia (MG)”. *Religião e Sociedade*, 2019, vol.39, n.2.

TEIXEIRA, Jacqueline Moraes. **Mídia e performances de gênero na Igreja Universal**. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, v. 34 n. 2, 2014. p. 232-256.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. Tradução José Marcos Mariani de Macedo e Antônio Flávio Perucci. São Paulo: Companhia das letras, 2004.